

JACQUES CURIOUÉ



LIT. JOSÉ RULAND CUYO 361 BA 37

O DRAMA DO PARANÁ

Jacques Ourique



O DRAMA

DO

P A R A N Á

Episodios da tyrannia

do

Marechal Floriano Peixoto

BUENOS AYRES

1894



As Ex^{mas} .. Senhoras Argentinas da Cruz - Vermelha



Encerrada, durante cinco mezes e meio, na poetica bahia do Rio de Janeiro, a esquadra brasileira, que levantára, ás primeiras brizas da madrugada de 6 de Setembro de 1893, a bandeira branca da revolta da liberdade contra a tyrannia do marechal Floriano Peixoto por ella propria erguido ao poder em nome da lei, em 23 de Novembro de 1891, foi forçada a interromper suas hostilidades no dia 13 de Março de 1894 e a abandonar o campo da legenda heroica da mais temeraria resistencia que pôde consignar a historia, no dia 18 do mesmo mez, com destino ao porto d'esta hospitaleira cidade.

Dirija, embora, a penna do modesto narrador dos tristes episodios que se vão ler em seguida, o mais ardente e nunca desmentido patriotismo, dominem-lhe o coração as mais nobres aspirações da liberdade para a sua infeliz Patria, armem-lhe o cerebro as mais fundamentadas considerações da dignidade sul americana, que fraco se sente elle e fraco se confessa para narrar a epopéa luminosa que começou a 4 de Fevereiro de 1892 com a revolução do Rio Grande do Sul, teve por phase brilhante a revolução de Setembro e continúa activa e energicamente n'aquelle estado já sagrado pelas lutas da liberdade em 1835.

Historiar a bravura indomita e a coragem abnegada d'aquelles paladinos das cuchilhas do Pyratinim como os feitos gloriosos d'essa esquadra phantastica, que opprimida, no estreito espaço de uma ferradura de fogo e de balas, brava, calma e friamente executou os mais arrojados planos, diante de cinco esquadras estrangeiras que não podiam deixar de admirar a audacia e o impeto do marinheiro brasileiro, nem é facil e nem é posivel no actual momento.

A imagem pura e candida da Patira que, triste, compungida e apunhalada pela tyrannia, pairou sempre amiga e protectora sobre nossas cabeças nos dias das lutas, assim como carinhosamente agasalha sob suas azas de branco arminho, os orphãos e as viúvas, guarda ciosa os nomes dos filhos dilectos que por ella cahiram, para elevá-los ao sanctuario dos martyres e dos heróes no dia da redempçãõ.

A justiça da historia é inexoravelmente fatal!

Nem era nosso intuito neste ponto da narraçãõ desfolhar ao mundo civilisado essa pagina da nossa histoira politica. Outra lenda tãõ sancta, outro tãõ divino poema—a legenda eterna da caridade feminina, do amparo, da doçura, do carinho da mulher argentina, no momento em que, com a fronte abatida pelo golpe rijo da fatalidade, com o peito ulcerado pela convicçãõ da impotencia material que a bravura nãõ pudera supprir, esses heroicos marinheiros dirigidos por Saldanha da Gama, aqui se apresentaram, desnudos, famintos, perseguidos e desamparados.

Ellas, mães, esposas e filhas, como mães, esposas e filhas eram aquellas que lá ficaram no abandono entregues a sanha do tyranno, pertencem á essa religiãõ divina que une todas as mulheres sobre a terra nos momentos angustiosos—a caridade—, e, com a mais suave delicadesa, com o mais fidalgo carinho, enxugaram o suor e as lagrimas das fronte nobremente abatidas dos guerreiros derrotados e levaram-lhe aos corações o lenitivo brando e doce da esperanza.

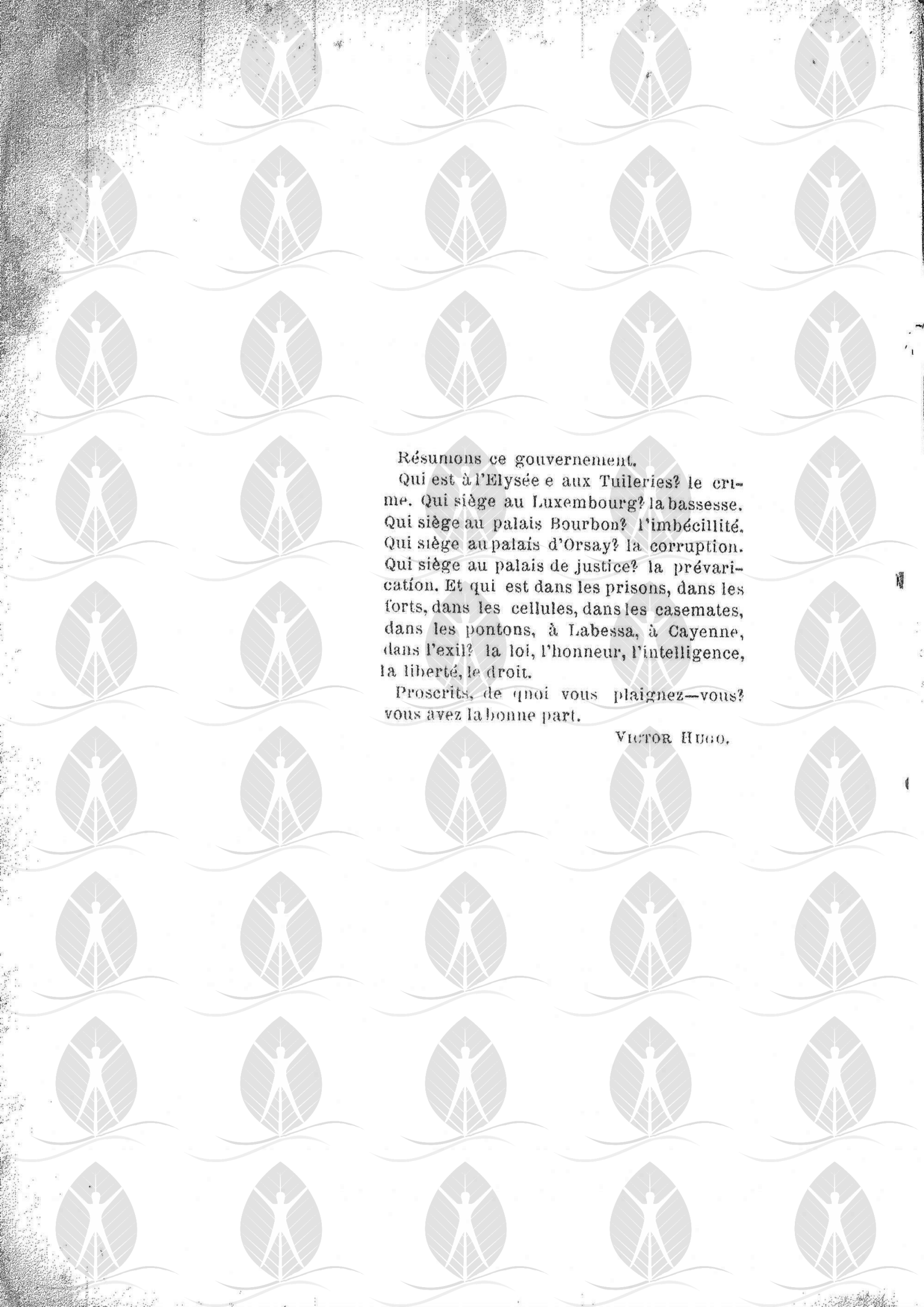
Á vós senhoras e a ninguem mais dedicamos estas paginas de gratidãõ eterna. Vossos alevantados sentimentos de heroismo e piedade n'ellas encontrarãõ ensinamentos de alto valor, vossa caridade talvez possa tirar d'ellas proveito material para os desgraçados que affagaes com vossa divina protecçãõ.

Deus o queira!

Buenos Ayres—15 de Agosto de 1894.



A DESHONRA DA PATRIA



Résumons ce gouvernement.

Qui est à l'Elysée e aux Tuileries? le crime. Qui siège au Luxembourg? la bassesse. Qui siège au palais Bourbon? l'imbécillité. Qui siège au palais d'Orsay? la corruption. Qui siège au palais de justice? la prévarication. Et qui est dans les prisons, dans les forts, dans les cellules, dans les casemates, dans les pontons, à Labessa, à Cayenne, dans l'exil? la loi, l'honneur, l'intelligence, la liberté, le droit.

Proscrits, de quoi vous plaignez—vous? vous avez la bonne part.

VICTOR HUGO.



I.

Desde os primeiros dias do governo do Snr. Marechal Floriano Peixoto, levantado nas azas de uma revolução em nome da legalidade, que o Rio Grande do Sul em primeiro lugar e depois a armada brasileira julgaram mortalmente ferida pelo golpe de estado de quatro de Novembro, com o qual declarou-se em dictadura o marechal Deodoro da Fonseca forçado pela opposição odiosamente individual que contra elle se levantára no seio do congresso nacional, aos bons republicanos e aos sinceros patriotas serias apprehensões dominaram.

Coagido pela generosa e patriótica resignação d'aquelle general que, á primeira manifestação dos seus concidadãos, entregou-lhe immediatamente o poder e pelos elementos que o rodearam estabelecidos pela politica do seu antecessor, no meio dos quaes cahira de improviso, o marechal Peixoto, sempre de accordo com o seu character traiçoeiro e cruelmente frio, apresentou-se á nação, brando, modesto, com assomos de generosidade—promettendo em nome da sua palavra de MILITAR HONRADO, respeitar as leis, não distinguir vencidos de vencedores, e governar o paiz pela via larga da concordia, da paz e do progresso.

Proclamada aos quatro ventos sua politica regeneradora pelos coriphêos servis e gananciosos que o cercavam e o apoiavam incondicionalmente, com o fim de levantar o prestigio dos republicanos historicos—os jacobinos, em quem o marechal Deodoro, com raras excepções, jamais reconhecera aptidões de governo, encetou o novo presidente, sorradeira e perfidamente o seu manejo de arredar e aniquilar os elementos deodoristas e cercar-se, por meio da corrupção, do apoio do exercito, das escolas militares e dos referidos jacobinos.

Não difficil lhe foi a tarefa e poudo, em breve, tirar a mascara

enveredando desassombradamente pelo caminho das deposições dos governadores dos estados, legalmente eleitos, por meio de farças mandadas representar pela força armada e das demissões de empregados vitalícios e funcionarios cobertos de serviços, só pelo crime de reprovarem seus actos de prepotencia, ou simplesmente conservarem-se neutros ao seu governo.

Calcou aos pés, com a ignára impavidez de um soldado boçal e erguido ao poder por um golpe da fortuna, todas as leis e todos os preceitos garantidores da continuidade administrativa, da probidade politica e da honradez individual.

As classes armadas, envolvidas em sua politica estreita e corruptora, transformaram-se em esbirros, em pretorianos do poder; o funcionalismo publico, aterrorizado pelas ameaças e perseguições continuas, degradou-se até o olvido dos mais rudimentares preceitos da honestidade e do dever, os politicos que o sustentavam incondicionalmente, animados pela consecução das medidas as mais oppressivas, pelo desprezo ostensivo das leis, pela desfaçatez dominante, arrastaram o congresso nacional ás mais degradantes submissões e ás mais indecorosas transacções.

N'estas condições a parte sã do paiz, principalmente os elementos do seu progresso material, começou á sentir o guante de ferro do soldado dominador que, arrogante e teimoso, passava a vida entre as orgias infrenes do seu debóche politico e da sua lubricidade privada.

A opposição, que não abandonára seu posto de combate um só instante, firmou energeticamente sua arriscada posição em todo o paiz e rompeu contra o governo o vivo fogo de sua palavra e do seu trabalho, na imprensa, no parlamento e até na praça publica.

Se ha para ella uma compensação dos dissabores, privações e sacrificios por que tem passado, é a de ter sempre sentido, atraz de si, a opinião dos seus concidadãos que admiravam com orgulho esse pequeno grupo de heroes, que no meio dos maiores perigos e das ameaças se batiam unidos, calmos, energicos e audazes pelas liberdades patrias e pela defesa da constituição.

Tudo pela lei e dentro da lei—foi o lemma que, então, levantou na ponta de sua gloriosa e flamejante penna o Snr. Ruy Barboza.

Sentiu o marechal que esse grupo de denodados patriotas fendia fundo na opinião publica; sentiram seus ministros que elle creava serios embarços aos seus desmandos e crimes; sentiram os pretorianos armados que o odio nacional começava a envolvê-los e d'ahi a traiçoeira e vil combinação de forjarem uma conspiração, para atirarem ao exilio e aos carceres esses obstaculos, esses elementos contrarios á orgia governamental.

Na calma sinistra do Itamaraty, como no palacio da inquisição politica da Veneza medieva, tramou o marechal vermelho, cynica e cruelmente, a conspiração de Abril; e velhos militares de terra e mar cobertos de serviços á Patria, senadores, deputados, capitalistas, funcionarios vitalicios, jornalistas e honrados cidadãos foram arbitrariamente reformados, demittidos, presos em fortalezas com criminosos de crimes communs e deportados para os pontos mais pestilentos e mortiferos do Estado do Amazonas.

Noutes e dias, como os de nove a treze de Abril de 1892, só os consigna a historia dos povos cultos, como uma excepção, felizmente rarissima, das mais desorientadas e oppressoras tyrannias.

A capital do infeliz Brazil foi transformada pelo governo da *legalidade* na mais infamante bachanal politica que é dado imaginar.

Cidadãos de notorio prestigio, na politica, nas armas, na imprensa, no commercio, nas industrias, eram arrastados pelas ruas no meio de escoltas exaltadas pela embriaguez da paixão e do vinho e, o que mais admira, compostas na sua maior parte da mocidade das escolas superiores da capital, que não se pejavam de apanhar a lia infecta das sargetas para atiral-a ao rosto d'aquelles que, desarmados, indefesos, seguiam entregues a generosidade da sua força.

As prisões regorgitavam, as ameaças de morte succediam-se, a desordem, a anarchia e o temor tudo dominavam; as mulheres e as creanças aterrorizadas rojavam-se aos pés da cruz, implorando ao Martyr do Calvario a vida e a salvação dos paes, dos esposos, dos filhos, em quanto que o marechal, no Itamaraty, fria, calma e cruelmente, saboreava o exito do seu plano infernal e commandava esse sabbat hediondo com o deleite sensual da hysteria torpemente lubrica da caserna.

O soffrimento, o gemido da victima, o sangue que ia correr, o desespero das donzellas, o pranto das mulheres, eram os excitantes d'esse organismo de lubrico selvagem, que o iam levar, apoz a saturnal politica, a outros não menos condemnaveis excessos.

Tiberio na tyrannia, Tiberio na traição, Tiberio na libidinagem!....

Senhor, por essa manobra inqualificavel, da maioria do congresso, composto em grande parte de execraveis e doces instrumentos das mais desenfreadas ambições e interesses, e do silencio do povo, dominado pelo pavor, continuou o marechal no seu caminho de crimes e desmandos, então facilitado e lubrificado pela ignominia dos fracos e pela infamia dos bandidos politicos.

Seguiram-se para a nação esses dias de deshonra e desbrío dos seus mandatarios que genuflexos sustentavam, naquella mesma casa em que sempre se haviam erguido as vozes independentes e energicas de illustres representantes do povo contra abusos do poder, todos os caprichos do soldado dominante e servilmente se curvavam aos seus menores accenos.

N'estas condições foi dada a amnystia aos desterrados de Abril, sem que ao mesmo tempo o governo, por simples formalidade, fizesse documentos que justificassem as prisões e o desterro decretados. O despudor attingiu ao ponto de vir o secretario privado do presidente declarar, em pleno parlamento, que a culpa d'esse facto era do chefe de policia que não soubera organizar a falsificação!

A opposição, fortificada pela volta dos seus chefes, adquiriu novas forças e rompeu mais energica do que nunca contra os crimes do governo. De luta em luta, de combate em combate, chegou á necessidade de pregar e animar a revolução como o legitimo direito do povo contra a oppressão que o desgraçava.

Já então o Rio Grande do Sul, sempre na vanguarda da defesa dos direitos e das liberdades patrias, rompera a 4 de Fevereiro com essa tremenda e heroica revolução que veio salvar a dignidade de todo o Brazil.

A 6 de Setembro a esquadra nacional declarou-se tambem em revolta, tendo a seu bordo varios deputados, muitos militares de

terra, grande numero de civis de todas as clases sociaes e a seu lado a maioria da opinião nacional.

Começou assim essa luta heroica em que só a bravura, actividade e patriotismo dos revolucionarios podiam supprir a falta absoluta de recursos e o abandono condemnavel, criminoso até, em que os deixára o resto do Brazil!

Os erros de alguns chefes, a paixão de alguns sectarios intransigentes, que pretendiam separar a revolução da esquadra da do Rio Grande do Sul, que entretanto foi que lhe deu o prestigio da tomada de dous estados, e a falta de disciplina de outros elementos atiraram-nos á derrota, obrigando a esquadra revolucionaria a entregar seus navios n'este porto a 16 de Abril, depois de tão intemeratos sacrificios e de tão devotados lances de patriotismo.

Na sua celebre mensagem, diz o marechal Floriano Peixoto a esse respeito, entre outras despejadas mentiras o seguinte:

«Foi já sob a atmospherá asphixiante d'esses dias luctuosos que o Congresso Nacional encerrou os trabalhos da primeira legislatura, tendo antes decretado o estado de sitio e formulado patrioticamente os seus votos pelo restabelecimento da paz. Não havia tempo a perder, porem cumpria-me o dever de reagir, não só pela dignidade do meu cargo como pelo bem geral da Republica. . . do Norte, do Sul, de todos os pontos do Brasil irrompeu o patriotismo com forças mais que sufficientes para salvaguardar a Republica seriamente ameaçada. Das officinas, das escolas, da lavoura e do commercio, em summa de todas as clases sociaes corriam representantes a tomar armas, multiplicando-se assim as dedicações para amparar o governo e sustentar a Lei.

«Vi que tinha a meu lado a Nação e que era de meu dever manter illeso o principio da autoridade a custa embora dos maiores sacrificios.»

Esses dias luctuosos, a que se refere o dictador com tal desplante, eram a consequencia inevitavel e prevista por todos os patriotas sinceros, das violencias commettidas e dos crimes levados a effeito por S. Ex.^a

Asphixiante tornou-se a atmospherá politica desde que S. Ex.^a

encetou a serie interminavel dos seus crimes, com a deposição dos governadores dos estados e plantou no paiz, a custa do pundonor e brio do exercito, o dominio do militarismo, fazendo correr em todos os pontos da livre terra brasileira o sangue generoso de cidadãos indefesos, traíndo, enganando e matando com a fria calma do sangue de Calabar que lhe corre nas veias.

Quando o congresso nacional formulou patrioticamente os seus votos pelo restabelecimento da paz?

Seria quando em Abril de 1893 deixava de ser aceita no parlamento, por 57 votos, a moção do Snr. Demetrio Ribeiro, pedindo que fosse lançado em acta um voto de pezar pela continuação da guerra civil no Estado do Rio Grande do Sul?

Os laços de fraternidade da familia Brasileira foram rotos quando S. Ex.^a mandou assassinar, traíndo a fé jurada, a concidadãos que fugiam desarmados e a irmãos de armas que confiavam na sua palavra de soldado, em Nietheroy, Pernambuco, Matto Grasso e Rio Grande do Sul; esses laços se romperam quando S. Ex.^a ordenou aos seus sicarios, que infelizmente vestiam a gloria farda de 24 de Maio, do Avahy, de Lombas Valentinas, que deixassem os revoltosos entrar n'esse ultimo estado e os *exterminassem a traicão*; quando nesse mesmo estado mandava matar a falsa fé, *nas sombras da noite*, pelo major do exercito Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, commandante da brigada policial ao coronel Facundo Tavares e seus dous filhos nos propios braços da esposa, da mãe e dos irmãos desolados; o cidadão Frederico Haensel pelo simples facto de ter dado passagem em um de seus vapores, para a margem do Taquary, ao Dr. Barros Cassal e sua familia, que fugiam da morte certa; ao cidadão Ernesto Paiva, negociante geralmente estimado; Coronel Moura, veterano da guerra do Paraguay e outros e muitos outros; quando n'esse mesmo estado entregava á brutalidade dos seus acampamentos a donzella indefeza em presença de seus propios páes, as esposas ante seus maridos e submettia os homens ás mais indecorosas e crueis mutilações!

Marechal, aquelles que se levantam para defender a liberdade e os direitos dos seus concidadãos não rompem esses laços — estreitam-nos.

O martyrio e o sacrificio feitos pela patria, assim como o san-

que heroicamente derramado em defeza da dignidade de um povo livre, são o cimento eterno da confraternidade nacional.

Se a vossa proverbial ignorancia nem a isso alcança, lançaes as vistas para a heroica e martyrisada Polonia, para a velha França, para o Uruguay, para o Mexico, para o Chile e para o proprio Peru.

Fallaes em odio, ambição e vaidade, com a desfaçatez do soldado bestializado pelo crime e pela tarimba, quando essas paixões só são o apanagio da nullidade civica e politica que aniquilou, que vendeu a patria monarchica, que está aniquilando e vendendo a patria republicana, que metteu mão sacrilega no erario publico, que corrompeu e deshonorou as classes armadas, que arrastou á revolução e aos carceres o que o paiz tinha de mais illustrado, de mais nobre e de mais digno e que agora, associado a soldadesca infrene e a jacobinada desenfreada, tripudia fria e cruelmente sobre os destroços do Brasil, mentindo cynicamente ao mundo civilisado e cuspinhando á face da livre America a saliva infecta do soldado bebido pela orgiaca fascinação da eminencia de um posto em que nunca sonhára.

Dignidade do seu cargo e bem geral da Republica!.. Seria insania se não fosse calculada perversidade!

Quando, de 23 de Novembro de 1891 ate' agora, respeitou S. Ex.^a a dignidade do seu cargo e o bem geral da Republica?

Seria quando arrastou-se humilhado aos pés dos tenentes e alferes da escola superior de guerra, que pelos jornaes da capital o haviam qualificado de deshonesto, desleal e deshonorado por haver tentado mudar a bandeira positivista?..

Seria quando implorava o apoio dos monarchistas ao seu governo e foi energeticamente repellido?....

Seria quando mentia publicamente aos governadores dos estados, prometendo garantil-os e os mandava traiçociramente depor?

Seria quando traía a seus velhos camaradas cobertos de serviços e os reformava e deportava arbitrariamente?...

Seria quando annunciava aos quatro ventos a unica victoria de sua esquadra em combate de seis horas contra o Aquidabam e vozes estrangeiras autorizadas vinham affirmar que o decantado feito d'armas dera-se contra um porco, e um gallo, unicos tripulantes do navio abandonado a essa torpe palhaçada? ! . . .

Seria quando jogou na tunica branca da Republica, pelos trinta dinheiros de Cleveland, o pudor, a dignidade, o brio e a honra da Patria Brasileira?! . . .

Seria quando abateu o pavilhão nacional diante da Italia, da Inglaterra, da França e da Republica do Uruguay, quatro vezes em menos de um anno, dando satisfacções humilhantes e publicas, até com o prazo de duas horas, imposto com arrogancia, como em Abril deste anno, á Inglaterra e pagando servilmente todas as indemnisações exigidas?! . . .

Será, agora, quando prisioneiro de seus proprios sicarios, roja-se humilha-se e adula as escolas militares e a jacobinada sanguinaria, para não cair victima da sua propria obra? . . .

Dignidade do seu cargo! . . . Bem geral da Republica! . . .

Misero e cruel idiota! . . . que não tem sequer a percepção rudimentar do ridiculo e repellente papel que o estão fazendo representar! . . . Triste truão da desgraça, que nem presente que estão explorando-lhe a monstruosidade do character e a latitude da ignorancia, em beneficio de interesses, odios e paixões torpemente criminosos! . . .

Mata, *condollière*, á traição, pelas costas, á sombra da noite, aos teus amigos, aos teus irmãos, a tua propria mãe—a Patria, que te pagaremos com o ouro do poder, com a prata das tuas ambições satisfeitas. E elle mata a traição, pelas costas, no silencio da noute a seus amigos, a seus irmãos, apunhala covardemente a Republica confundindo adeptos e contrarios na nuvem rubra que lhe tolde o cerebro! . . .

Eia, dize-nos, eterno falsificador, mentiroso eterno, de que parte do Sul e do Norte do Brazil recebeste auxilios expontancos, manifestações da opinião publica contra a revolução.

Quererás te referir aos batalhões de S. Paulo, do Rio de Janeiro e da Capital Federal? Todos sabem hoje que o auxilio do primeiro d'aquelles estados só te foi dado a troco da maior das humilhações por que tem passado—a eleição do Dr. Prudente de Moraes, cujas consequencias ja estás começando a sentir e que o dos outros só o tens obtido pelo terror, pela mentira, pela corrupção, pelo soldo dobrado, pela etape tambem no dobro paga simultaneamente em viveres e dinheiro, pelos 3000 reis diarios para charutos, pelas pensões dadas com a promoção dos mortos, pelas

pingues ajudas de custo e não menos pingues commissões no paiz e no estrangeiro.

Por acaso a tua ingenuidade intellectual irá ao ponto de pensares que todo o mundo é como o actual Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil que, muitas vezes, nem sabe se Floriano se escreve com F ou com Ph?..

Sim, tens razão, a teu lado está a Nação!.. dizes bem!.. mas lembra-te, desgraçado louco, que ao lado dos grandes criminosos, em caminho para o patibulo da praça publica ou da historia, tambem marcha a Nação representada pela imagem immaculada, energica e fria da Justiça que tens tentado aniquilar e que muito breve te ha de punir.

Ninguém atropella impunemente a lei, a razão e o direito.



II.

Existe na capital do Brasil, para eterna deshonra do jornalismo americano, um periodico intitulado *O Paiz*, cuja triste historia póde ser feita em alguns traços de penna. Por maís que os bandidos tentem disfarçar-se em homens de bem são logo reconhecidos e a historia do seu passado é fatalmente descripta pelo cyclo d'estas tres palavras—aventura, roubo e crime.

Nascido para a advocacia immoral dos conchavos administrativos e commerciaes de seus espertos proprietarios e redactores, envolveu suas asquerosas mazellas e torpe especulação no manto impolluto da idéa republicana e começou a explorar a opinião publica em nome de suas santas crenças, como um verdadeiro pirata do jornalismo brasileiro, cobrindo a carga negra de suas ambições com a flamula luminosa da propaganda republicana.

Tambem Judas no Horto de Gethsemani cobriu sua traição com a tunica branca do apostolo e disfarçou a ganancia vil dos trinta dinheiros na candida doçura do beijo da paz. Consigne-se, entretanto, a differença: aquelle entregava o Mestre aos seus algozes, estes venderam seus irmãos e apunhalaram a propria mãe—a Patria!

Durante a monarchia, como sob a nova instituição, o jogo d'estes gatunos de casaca é muito conhecido—ou davam-se-lhes as concessões de estradas de ferro, os tabellionatos, as escritanias de hypothecas, os privilegios commerciaes, ou elles rompiam em violenta e desregrada opposição contra os governos em nome da idéa nova. Era a segunda phase da quadrilha da imprensa—o roubo!

Por esse pelourinho infamante passaram todos os membros da familia imperial; até as proprias senhoras eram atassalhadas no

mais caro e reservado da sua vida intima; por elle têm passado os mais illustres varões de todo o paiz.

A ninguem ainda foi dado evitar a sanha feroz dos famosos pasquineiros, sem deixar-lhes nas mãos, pelo menos, a bolsa ou o relógio.

Mais de um d'esses tratantes traz impressa na fronte cynica a marca da bengala do marido offendido, da chibata do maestro irritado ou dos dedos do cidadão revoltado contra a audacia e torpezza da camarilha d'essa canalha afidalgada.

Com o acesso do marechal Floriano ao poder, elles — os principaes larapios da Bolsa no governo anterior — correran immediatamente a lambar as botas do novo presidente e, a custa das mais asquerosas bajulações, da intriga, da mentira, e das maiores infamias, ganharam o posto de jornal officioso do chefe do governo.

Era para ver-se, então, a audacia acanalhada com que esses vilões ao soldo do Itamaraty, pagos com o dinheiro azinhavrado pelo sangue brasileiro, insultavam e calumniavam desassombradamente os adversarios do marechal e, aproveitando a occasião, vingavam-se dos seus inimigos pessoaes, suffocando e desmoralizando toda a imprensa livre do Brasil.

Durante o governo de marechal Deodoro, já o seu famigerado redactor chefe, naquella occasião ministro por manejos da arteira camarilha (esse mesmo ministro que o povo da capital fluminense quiz apedrejar na volta de sua missão ao Prata) havia tentado e obtido em parte, pelo seu celebre decreto de 24 de Dezembro, denominado o *Corta-cabeças*, supprimir a opinião livre da imprensa independente.

Pois bem, esse jornal do celebre artigo sobre a questão italiana em S. Paulo, esse cameleão da idéa e do pensamento, cujas tradições vêm de ha muito pontilhadas pelas mais torpes e indecentes tranzacções e covardes subserviencias, publicou a 2 de Abril do corrente anno um artigo intitulado — *O drama do Paraná*.

Se a qualificação do diario da commandita do Alto Douro já não estivesse firmada no espirito de todos os homens honrados, esse artigo bastaria para determinar o movimento da ponta da botina, atirando á caixa do lixo o nojento pasquim, na falta da face

deslavada e amarellecida dos sevandijas que o dirigem á tanto por cabeça.

Acabavamos revolucionarios de deixar o estado do Paraná, onde não haviam exercido a menor violencia, como em seguida provaremos á saciedade, para levar a effeito a malograda expedição do Rio Grande do Sul, quando *O Paiz* deu á luz o seu monstruoso abôrto.

N'esse artigo, infamante para qualquer imprensa do mundo civilisado, e muito proprio das normas do mercantilismo sem escrupulos, da pandilha que queria dar arrhas do seu incondicional apoio ao poder tyrannico do marechal Peixoto, pede-se com cynico e cruel desplante — a morte, o assassinato, a execução summaria dos revolucionarios que cahissem prisioneiros e de todos aquelles que, mesmo indirectamente, os houvessem auxiliado.

E'n'essa peça monumental de pusillanime atrocidade e descommunal covardia, que se encontram topicos d'este jaez.

«... A lei natural exige que todo o direito seja uma sancção da força e que todo o progresso social tenha a enseival-o uma estremeira de cadaveres.

«... Se em face dos horrores da invasão do Paraná tivessemos um momento impulsos de piedade pelos assassinos... atraíçoariamos a nossa causa, profanariamos as sepulturas dos nossos irmãos. E' mesmo necessario romper com esta força de sentimentalismo com que se embioca tartufamente a alma de certos homens...

«O governo da Republica está psetes a infligir tremenda lieção a esta quadrilha de réprobos com o nome de exercito libertador... E' preciso, porem, que não se prepare a comedia do sentimento, que não se recдите a exploração da piedade.

«Pedir perdão para esses assassinos é ser complice dos attentados com que enxovallharam a tradição generosa e amantissima do povo brasileiro.

«A patria recluma um desaggravo tremendo e ella ha de tel-o por honra sua.»

Basta.

E' na realidade um dos factos mais deprimentes do caracter de um povo que tanto blasona de suas liberdades, progresso e civilisação, o papel que um despota audacioso forçou a representar, aos olhos do mundo, a imprensa do Brasil, reduzida a esse grupo infecto da escoria mercenaria de uma sociedade opprimida pela brutalidade da caserna e pelo terror, grupo a cuja frente tem posição principal *O Paiz*.

O Snr. marechal Floriano Peixoto, ha tres annos, arrasta um povo nobre, digno e generoso como o brasileiro, atravez de todas as deshonras e de todas as ignominias e dá-lhe agora a bofetada final, a mais degradante, apresentando-o á face dos povos civilizados, como dirigido mentalmente pelo jornal do senador Quintino Bocayuva.

O povo queria a constituição, elle deu-lhe o arbitrio; queria a ordem, elle deu-lhe a anarchia; queria justiça, elle deu-lhe as commissões executivas e os fuzilamentos em massa; queria a honestidade administrativa, elle deu-lhe a moeda falsa e a prevaricação; queria o governo civil, elle deu-lhe a autocracia militar; queria a republica, elle deu-lhe a tyrannia; queria a paz, elle deu-lhe a guerra civil; queria a garantia dos direitos constitucionaes, elle deu-lhe o estado de sitio constante; queria a liberdade, elle deu-lhe a cadeia, o carcere, a masmorra; queria a dignidade da Patria, elle deu-lhe as satisfacções e indemnisações internacionaes; queria o progresso elle deu-lhe o descredito financeiro e a ruina; queria a imprensa livre e digna, elle deu-lhe o pasquim infamante e, quando os mais arrojados levantaram as frentes indignadas e os punhos ameaçadores contra o soldado arrogante e imbecil, indicando o lemma da bandeira brasileira, elle mergulhou-a calmo, frio e sarcastico no mar do sangue de irmãos em que submergira o paiz e mostrando-a ainda humida, quente e rubra ás multidões impacientes, soltou aos quatro ventos o celebre uivo de chacal insaciado:

—Eis o pavilhão nacional e, ainda que tenha de sacrificar metade da população do Brasil, hei-de conserval-o erguido!...

A fera que lambia recciosa e humilde as mãos do povo a 23 de Novembro, o falsario que lhe fallava em nome da sua palavra de soldado, que lhe promettia o regimen da legalidade, da paz e da probidade administrativa, mostrou-lhe emfim as garras aduncas,

sob as quaes geme offegante uma das mais generosas nacionalidades das duas Americas.

Maldito sejas tu, filho do incesto do crime com a traição! . . . Maldito sejas tu carrasco de teus proprios irmãos, algoz de tua propria Patria!

E e'a esse homem sem fé, a essa panthera sem entranhas, a esse soldado sem brio, sem palavra, sem generosidade, a esse cidadão sem civismo, sem pundonor patrio, a esse tyranno sem escrúpulos, a essa hyena feroz e insaciavel, a quem a imprensa da capital fluminense, depois de ter insinuado nefanda represalia nas familias dos revolucionarios detidas em poder do sclerado, vem agora, nos assomos impetuosos de historica covardia, aconselhar, indicar, pedir o assassinato dos prisioneiros e dos cidadãos inimigos que sympathisam com a causa da revolução, que é a causa da liberdade e da desoppressão do maior estado sul americano!

Miseraveis restolhadores de cadaveres, cães famintos dos cemiterios abertos, ladrões dos campos de batalha, só pedis mortos porque os mortos tem despojos; tem sobre o peito, aberto pela bayoneta fraticida dos vossos pretorianos, o medalhão de ouro com o retrato da mãe, da esposa, da filha querida; tem o relógio, tem a carteira e bem podeis vender essas joias, oh! Fredericos Borges, oh! Salamondes, oh! Medeiros de Albuquerque, oh! corja baixa e infecta, capaz de todos os crimes e de todas as passividades!

E esses abutres nauseabundos e asquerosos, têm mães, mulheres e filhas e ellas os supportam, com elles convivem e talvez os amem!..

Pobre Patria minha, a que triste provação, a que miseraveis degradações te reservára a fatalidade!

Entremos na discussão dos factos.

O primeiro que nos cahe da penna é a traição de Bagé.

A opposição patriotica do Rio Grande do Sul, impellida brutal

e arrogantemente para a revolução, pelos desmandos, pelos erros e pelos crimes do marechal Floriano e do seu celebre preposto, o Snr. Julio de Castilhos, collocado no poder pelos reprovaveis manejos de um general brasileiro, na celebre mashorca de 19 de Junho, procurava evitar o tremendo cataclysmo, que, na opinião do mais prestigioso dos seus chefes, o Snr. Silveira Martins, e' sempre uma desgraça para a patria, por melhores que sejam os resultados obtidos.

Mas o que se viu então?

O governo da traição passar por cima da palavra de honra de um militar até então estimado, o coronel Arthur Oscar, passar por cima dos seus mais solemnes e sagrados compromissos e, traíndo a fé jurada, enganar vil e cynicamente o velho general Tavares e seus amigos, homens para os quaes as promessas de honra valem mais do que a vida, e que se retiraram de Bagé com lagrimas de desespero nos olhos, prevendo a perfidia que logo em seguida se manifestou, com desrespeito aos mais elementares preceitos da honra militar e civica.

A praça não seria occupada pelas forças dos facinoras politicos ás ordens de Castilhos, se Tavares desarmasse e dissolvesse os trez ou quatro mil homens de que dispunha. Obtida da lealdade do intemerato riograndense a execução dessa promessa, essas forças civis entraram, abusaram, immolaram e, com o riso cynico do desbrío, calcaram aos pes a boa fé do velho gaúcho.

Precisavam ainda de um pretexto. O coronel Castilhista Evaristo do Amaral, no municipio da Cruz Alta, exigira de diversos federalistas a somma de trinta e tantos contos como indemnisação dos suppostos prejuizos soffridos com a revolução de Fevereiro e, ao se dirigir para Sta. Maria, no lugar denominado Cadeado, foi atacado e morto em luta leal, pelo chefe federalista Garcez.

Foi o quanto bastou.

Os amigos do general Tavares foram d'esde então atrozmente perseguidos; as forças castilhistas ás ordens de Pedroso, Motta, Elias Amaro e outros, entre os quaes infelizmente alguns do exercito, encetaram as primeiras perseguições, devastações e assassínatos.

Em Cacequy, estação da Estrada de ferro de Porto Alegre a Uruguayana, foi estabelecido o primeiro *matadouro*, confiado a

uma brigada policial. Ahí perderam a vida muitos chefes federaes, entre outros, o coronel Moura, a quem a Patria devia relevantes serviços; Setembrino Falcão e outros e muitos outros.

Em Porto Alegre, em Pelotas, em todas as cidades do Rio Grande foram assassinados barbaramente em pleno dia, aos olhos de suas famílias, inermes cidadãos, cujo unico crime era serem adversarios de Castilhos.

Ainda hoje existe na varzea do Gravatahy, a pouca distancia de Porto Alegre outro *matadouro* dirigido pelo celebre capitão Chachá, official do exercito. Nelle, não ha muitos dias, foi degolado um capitão ajudante de ordens do general Gomersindo Saraiva.

Essas e muitas outras infamias, praticadas n'um periodo de *plena paz*, de Junho 92 a Fevereiro de 93, deram, como era logico, em resultado, a revolução, que foi iniciada com o pequeno combate do Salsinho a 4 de Fevereiro do anno findo.

Nem outro caminho traçara o destino aos briosos descendentes dos heroicos *sarrapos* de 35.

Já de começo se vê a ferocidade, a velhacaria e a infamia de um lado e a lealdade e a bravura do outro.

Durante essa luta heroica que ha cerca de dous annos traz abalado profundamente o governo do dictador, vê-se sempre do lado dos revolucionarios, constituídos, entretanto, por elementos alheios á disciplina e ás regras rigorosas da guerra moderna, a maior generosidade e cavalhierismo nos seus actos, enquanto que as forças do reprobato da historia se entregam a toda sorte de barbaras atrocidades, e selvagens represalias.

Vós que nos lêdes, almas sãs e corações de patriotas, consignae que não contam até agora os revolucionarios, chefes ou soldados seus, que, tendo cabido em poder das forças florianistas, não tivessem sido passados pelas armas, trucidados, mutilados com o mais refinado requinte de cruel perversidade. Suas propriedades devastadas, queimadas e saqueadas lá estão, nas vastas e verdejantes campinas do Sul, a attestarem a sanha indomavel dos pretorianos de Tiberio.

As famílias que não tem tido tempo de fugir tem sido atrocemente martyrisadas.

Durante o cerco da aldeia de Tijucas, no estado do Paraná, de-

baixo do fogo vivo da fuzilaria e da metralha do inimigo, diante dos nossos feridos que passavam para a ambulancia, que haviamos improvisado as pressas, contava-me um velho coronel riograndense, que acompanhava a campanha desde o começo, com esses tons descansados, sinceros e lhanos da voz, que caracterizam a verdade desapaixonada da narraçãõ do gaúcho, toda sorte de atrocidades commettidas pelos *pica.paus*, (assim sao designados os sicarios do marechal Floriano) no seu querido estado.

No torvelhinho phantastico d'essa narraçãõ das mais cruentas brutalidades, que fazia dançar a lagrima chystalina sobre o bigode grisalho do velho guerrilheiro, um topico se me gravou no espirito que ainda hoje conservo com a mesma vivacidade da narrativa de então:

—As moças, dizia-me elle, as nossas filhas, quando são muito jovens para a deshonra, guardam-n'as no acampamento para trazer-lhes o fogo, quando querem accender o cigarro, ou a chaleira d'agua para o mate. Em qualquer dos casos dirigem-lhes chufas, improperios e com o tiçãõ na dextra queimam-lhes repetidamente as partes maios recatadas do corpo, a cada infamia que soltam, e isso no meio da risota geral dos que assistem a essas scenas de canibalismo.

Digam-nos todos aquelles que tem no peito um coração de pae, de mãe, ou de irmão, com que sentimento lhes vibram as fibras mais intimas da alma, por mais carictativos e generosos que sejam, ao lembrarem-se d'aquellas que são a caricia, a religiãõ dos nossos lares, a esperança rosea e candida do nosso futuro, entregues, desamparadas á todo esse sordido e asqueroso martyrio?!...

Oh! Deus, quantas vezes vos implorei, para que a imagem candida e pura d'essas miseras creanças não me perturbasse o espirito, quando se tinha de applicar aos vencidos a generosidade dos humanitarios preceitos da guerra moderna!

Quantas vezes o meu espirito, mais culto do que o da massa geral d'esses denodados soldados da liberdade, a cujo lado me batia, não procurava inquerir dos arcanos mysteriosos da Providencia, se a nós, que temos mães, que temos esposas, que temos filhas, cabia o direito de proteger e perdoar os algozes das mães, das esposas e das filhas de companheiros, de heroicos irmãos de sacrificio!

Entretanto no meu, como nos corações d'elles, surgia sempre

vencedora, ao contrario d' *O Paiz*, a idéa do perdão imposta pela santidade da causa que defendiamos, atravez dos olhares angustiosos da imagem da patria commum opprimida, deshonrada e martyrisada.

A tyrannia tem d'essas consequencias fataes!

Transformou em tigres famintos, em chacaes, em monstros, esses mesmos soldados que dividiam o seu pão escasso, com as mulheres e creanças paraguayas, apoz terriveis combates e que, hoje, cegos pela depravação, pelo crime, esquecem essas santas tradições de generosidade, ao lado do marechal vermelho.

Vejamos, entretanto, como tem respondido a todas estas atrocidades o exercito revolucionario, a que chama o artigo d' *O Paiz* — exercito de bandidos e reprobos. Vae fallar a verdade positiva dos factos. E' uma parte insignificante de um todo immenso, que será um dia o libello da historia, contra o earrasco, do povo brasileiro, da Patria brasileira e da Republica brasileira.

O coronel Santos Filho, commandava forças castilhistas; foi feito prisioneiro no combate da Jararaca, junto á cidade de Alegrete, em 28 de Fevereiro; tratado com toda a consideração acompanhou o exercito até o mez de Junho em que foi solto.

Tendo empenhado sua palavra de honra de nunca mais volver a pegar em armas contra a revolução, dias depois achava-se novamente a frente de forças no municipio da Palmeira.

O coronel Marinho, feito prisioneiro no combate do Serro do Ouro, em fins de Setembro, acompanhou o exercito do general Salgado até sua entrada em Sta. Catharina. Tratado sempre com a maxima deferencia, seguiu em liberdade para a cidade do Desterro, capital provisoria da Republica, onde o governo revolucionario mandou abonar-lhe passagem para Montevidéo, e ali o Dr. Demetrio Ribeiro forneceu-lhe duzentos pezos para transportar-se á fronteira do Rio Grande do Sul.

Toda a officialidade do 6º Regimento de cavallaria, feita prisioneira no combate e tomada de D. Pedrito pelo exercito do general Tavares, foi solta e mandada acompanhar até a cidade de Bagé, por um piquete federalista de cincoenta praças, sob o compromisso de honra de não se envolver mais na luta contra os revolucionarios. Dias depois faltou ao compromisso tomando parte na batalha do Inhanduy (4 de Maio).

O coronel Alencastro da Fontoura, feito prisioneiro no ataque e tomada de Quarahym, acompanhou as forças revolucionarias commandadas pelo coronel David Martins até o dia do combate do Sarandy, em que, aproveitando a confusão da retirada, evadiu-se, tendo estado ha poucos dias nesta cidade.

O general Isidoro Fernandes, feito prisioneiro na batalha do Rio Negro, quando commandava as forças castilhistas derrotadas pelo general Silva Tavares, acompanhou o exercito commandado pelo coronel David Martins, tratado sempre com toda a consideração, até o dia do combate do Sarandy, em que, preferio emigrar para o Estado Oriental, a ir apresentar-se ao general governista Hypolito, que vinha em perseguição de nosas forças. Esse general era o terror da população de Sta. Anna, onde se tornara celebre pelos innumerados crimes que praticara, entre os quaes figuram o assassinato barbaro de um pobre velho de cerca de oitenta annos, por simples suspeita de ser conductor de correspondencia dos federalistas e a morte covarde do capitão do 4º de Cavallaria Cesario dos Anjos Garcia, trucidado na linha divisoria com o Estado Oriental, onde esteve seu corpo por muitos dias exposto tendo ao lado, pendurados em uma forquilha, os galões que marcavam a sua graduação no exercito.

O coronel Pontoja e toda a officialidade do 28 batalhão de infantaria, feitos prisioneiros na batalha do Rio Negro, foram, dias depois, postos em liberdade, exceptuando dous, Horacio de Canto e Mello e tenente Parrot, que foram mandados fuzilar por crime de traição, na retirada do Sarandy. Neste combate as forças governistas mataram todos os prisioneiros, entre os quaes citaremos o alferes alummo da Escola Militar de Porto Alegre, Senna Braga.

O coronel do exercito Serra Martins, feito prisioneiro na tomada da cidade do Desterro a 29 de Setembro pela esquadra revolucionaria, assumiu compromisso de honra de não mais pegar em armas cantra a revolução e, tendo sido posto em liberdade e mandado levar para o Rio de Janeiro, conforme pedira, a bordo do vapor Pallas, desembarcando em S. Sebastião, pouco depois, com menoscabo do compromisso tomado, capitulava de novo na cidade da Lapa.

2º O tenente José Candido da Silva Muricy, feito prisioneiro

n'aquella cidade, foi tambem posto em liberdade, depois de assumir o compromisso de honra de não se envolver mais na luta e, entretanto, capitulou de novo nas Tijucas.

O coronel Castello Branco, e toda a officialidade do 25 batalhão, de infantaria, inclusive os capitães Antonio Manoel da Silva Coelho, Julio Cesar da Silva Lima, Luiz Ignacio Domingues, cadetes Coelho Junior, João Machado e Hygino, os quaes, tendo tambem capitulado na tomada do Desterro, adheriram mais tarde á revolução.

O tenente Camisão de Mello, capitulando n'essa mesma occasião evadiu-se dias depois, em companhia de outro official, indo fazer junção com o exercito de Pinheiro Machado e general Lima, que retirava-se de Itajahy perseguido por 600 revolucionarios ao mando do general Laurentino Pinto Filho até Blumenau.

Alem dos nomes citados acima ha muitos otros de chefes politicos civis, de officiaes patriotas, que é ocioso enumerar, alguns dos quaes, mais pundonorosos do que aquelles officiaes do exercito florianista, mais ou menos respeitaram o compromisso assumido.

A esta generosidade verdadeiramente brasileira e digna da correcção com que sempre tem procedido o exercito libertador, respondeu o ignobil soldado do Itamaraty, mandando para governador do estado de Sta. Catharina, desde que recahiu em seu poder, o coronel do exercito, Moreira Cesar que, por ordem sua expressa, fez executar, sem a menor forma de processo, os seguintes cidadãos, segundo o affirma, em trabalho ultimamente publicado, o Snr. dr. Seabra:

Officiaes do exercito:

Marechal Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Barão de Batovy, o qual por sua bravura e intelligencia representou papel importantissimo na guerra do Paraguay. Quando a Patria carinhosamente procurava proporcionar aos seus 65 annos de idade descanso e bem estar, em attenção aos serviços relevantes que elle lhe tinha prestado, foi mandado fuzilar, na fortaleza de Santa Cruz, pelos alumnos da Escola Militar, que não consentiram que o seu velho general se fardasse para morrer.

Coronel Luiz Caldeira de Andrade, de 50 annos de idade, que capitulara na tomada de Sta. Catharina conservando-se sempre, de

acordo com o compromisso que assumira, neutral durante a occupação dos revolucionarios. Conduzido á fortaleza de Santa Cruz foi fuzilado no dia 25.

Tenente coronel Sergio Tertuliano Castello Branco, que se achava no Desterro quando entrou a esquadra revolucionaria e adherira á revolução, sendo preso quando tentava evadir-se para fazer junção com Gomersindo Saraiva, foi condusido á fortaleza de Santa Cruz e fuzilado.

Major Alfredo de Paula Freitas, medico do corpo de sande, era director do Hospital Militar do Desterro e firmara a capitulação quando esta cidade foi tomada pela esquadra revolucionaria, continuando no exercicio do seu cargo durante o dominio do governo provisorio; preso com o Barão de Batovy, foi tambem fuzilado na mesma occasião.

Capitães Antonio Manoel da Silva Coelho, Julio Cesar da Silva Lima e Luiz Ignacio Domingnes, que, apoz a capitulação, prestaram serviços á revolução.

Capitão reformado João Evangelista Leal, que serviu como secretario do governo provisorio, tambem fuzilado.

Alferes de infantaria Coelho Junior, João Machado Lemos Fraga, Telles e Hygino, todos moços de 18 e 26 annos de idade, os quaes renderam-se na tomada do Desterro pela esquadra revolucionaria quando crão cadetes. Todos fuzilados.

Capitão de engenheiros Romualdo de Barros; firmou a capitulação e ficou depois servindo á revolução na qualidade de chefe da intendencia militar; tambem fuzilado.

Capitão de artilharia Tobias Becker; deputado estadual, firmou a capitulação e depois servio á revolução como commandante da artilharia do exercito do general Salgado. Trazido ao porto de Buenos Ayres pelo malogro da expedição do Rio Grande, acreditando nas promessas dos sicarios do Marechal Floriano Peixoto, seguia para o Rio de Janeiro com recommendações do Dr. Assis Brazil, então ministro brasileiro n'esta capital, quando foi preso na cidade de S. Francisco e conduzido para o Desterro, foi fuzilado.

Officiaes de marinha:

O Capitão de mar e guerra Frederico Guilherme de Lorena, foi um dos factores mais importantes do actual regimem, tomando

parte activissima na revolução de 15 de Novembro de 89. Adherindo ao movimento revolucionario da esquadra, assumiu o commando da divisão naval que devia operar nas costas do Sul e apossou-se da cidade do Desterro, onde estabeleceu o governo da republica, assumindo a presidencia. Sendo mais tarde obrigado a occultar-se nos matos em virtude da retomada da cidade pelas forças do marechal, foi descoberto.

Preso no lugar denominado Pantanos e conduzido para a fortaleza de Santa Cruz, foi fuzilado.

O primeiro tenente Delfino Lorena e o aspirante Pedro Lorena, sobrinhos do chefe acima, que serviram com distincção na esquadra revolucionaria, tendo sido feitos prisioneiros foram tambem fuzilados.

Primeiros tenentes Alvaro e Arthur de Carvalho, irmãos. Achavam-se em Toulon quando rebentou a revolução da esquadra e tinham vindo ultimamente tomar parte n'ella, servindo no Aquidabam. Presos em S. Francisco foram conduzidos á fortaleza de Santa Cruz e fuzilados.

Guarda marinha Motta, cahiu heroicamente na mesma fortaleza tambem fuzilado.

Outras victimas:

Officiaes de policia capitão Bittencourt e tenente Constancio, que continuaram nos seus postos depois da tomada do Desterro pela esquadra.

Coronel Israel de Sá, official do exercito libertador; serviu sempre como ajudante de ordens do general salgado, preso e fuzilado na mesma occasião que o Barão de Batovy.

Tenente coronel Fernando Goulart, pertencente ao exercito do general Salgado, tambem fuzilado.

Dr. Lopes de Oliveira, commettera o grande crime de acatar o governo do tenente Machado, como juiz de direito da comarca de Tijucas.

Dr. Alfredo Gama, filho do Barão de Batovy, nunca tomara parte activa na revolução, foi morto na mesma occasião que seu pae.

Dr. Carlos Guimarães Passos, substituto do juiz seccional do Estado de Sta. Catharina, cargo que continuou a exercer durante a occupação dos revolucionarios.

F. Cascaes, fiscal da intendencia municipal do Desterro, não era homem de armas, sendo apenas de politica contraria a do marechal Peixoto.

Pinto da Luz, official do corpo de policia de Sta. Catharina e moço de influencia.

Caetano Nicoláo de Moura, simples negociante e apenas partidario da revolução.

Dr. Francisco Vieira Caldas, que exerceu o cargo de chefe de policia durante o governo do tenente Machado, homem energico e audaz, foi por isso mesmo fuzilado depois de ter sido injuriado e maltratado.

Miguel Cercal, era simples escrivão da mesa de rendas de Joinville.

Engenheiros Etienne e Buete, cidadãos francezes, que serviram no arsenal de guerra revolucionario, fuzilados traiçoeira e barbaramente.

Durante todo o periodo de seis mezes em que se manteve a esquadra revolucionaria na bahia do Rio de Janeiro, trazendo o governo do marechal Peixoto em constante sitio e seus sicarios em constante susto, fizeram-se muitos prisioneiros que, guardados com toda a magnanimidade e cortezia, a seu propio pedido por temerem voltar para terra, foram entregues a 17 de Março, quando d'alli se retirou o almirante Saldanha com seus officiaes.

A isto contrapõe o marechal o fuzilamento dos marinheiros que, durante a heroica passagem do Urano, haviam abandonado o navio, procurando nas praias proximas a salvação e de grande parte d'aquelles que, confiados nas leis da guerra, renderam-se na ilha das Enxadas, depois da partida d'aquelle almirante.

Contiuemos.

Tomamos o Paraná a 20 de Janeiro, apoz os combates e assedio de Paranaguá e Tijucas, rendendo-se a Lapa a 18 de Fevereiro.

O que se passou n'este Estado é o ponto principal da nossa narração, por isso o reservamos para os capitulos seguintes. Nelles tra-

taremos desenvolvidamente d'este assumpto sobre o qual temos documentos, e tendo sido testemunha presencial de muitos factos podemos assim, com segurança, evidenciar a cruel e iniqua barbaridade do marechal Floriano e dos seus pretorianos.

A sanha sanguinaria d'essa horda de barbaros que, desgraçadamente, irá para a historia com nome de brasileiros, tem se fartado alli do sangue de innocentes e exercido tão brutal e nefanda vingança, que a mente mais exaltada do mais endurecido bandido não a poderá conceber.

A historia da America do Sul registra o dominio de Rozas, de Francia, de Lopes e de outros, mas o marechal Floriano quer offuscar-lhes a nefasta gloria e a sua tyrannia já traz escriptos, com letras de sangue, nas suas paginas negras os mais atrozes documentos da nossa deshonra.

A historia tem seus tigres. Ella impede que elles morram, ella os guarda com todo o cuidado, diz um dos maiores publicistas deste seculo. Não os mistura com os seus chacaes. Reserva a parte as bestas immundas.

O marechal Floriano não é, nem será jamais, um tigre da historia. Elle tem mais do chacal e da hyena.

O tigre na sua ferocidade, tem alguma cousa de audaciosa coragem. O chacal e a hyena são a covardia, a perfidia e a podridão cadaverica. Trabalham pelo silencio da noute, na sombra, rastejando asquerosamente nos campos de combate e nos cemiterios. Tem receio da vida e da luz.

O marechal Floriano trabalha pelo silencio da noute no Itamaraty, rastejando a traição, arma ciladas, faz cahir a presa e só se ceva na carne putrida das victimas, mandando desenterrar os cadaveres como em Tijuas, como no Rio Grande do Sul, para insultal-os, mutilal-os e dar pasto a sua histeria de Bertrand.

O marechal Floriano não será um tigre da historia. Quando muito uma fêra immunda, asquerosa e traiçoeira da ordem dos chacaes e das hyenas.

Não terá a jaula dos leões, trará ao pé a grilheta curta e pesada das alimarias que lambem a mão do domador ao receber no focinho os golpes infamantes do latego da condemnação universal.




O DRAMA DO PARANA

Est-ce que, parce qu'on a été au bal de l'École militaire, parce qu'on est rentrée les yeux éblouis, la tête fatiguée, la robe déchirée, le bouquet fané, et qu'on s'est jetée sur son lit et qu'on s'est endormie en songeant à quelque joli officier, est-ce qu'on ne se souviendrait plus qu'il y a là, sous l'herbe, dans une fosse obscure, dans un trou profond, dans l'ombre inexorable de la mort, une foule immobile, glacée et terrible, une multitude d'êtres humains déjà devenus informes, que les vers dévorent que la désagrégation consume, qui commencent à se confondre avec la terre, qui existaient, qui travaillaient, qui pensaient, qui aimaient, et qui avaient le droit de vivre et qu'on a tués?

Ah! si l'on ne s'en souvient plus, rappelons-le à ceux qui l'oublient!

Réveillez-vous, gens qui dormez! les trépassés vont défilier devant vos yeux.

VICTOR HUGO.



Est-ce que, parce qu'on a été au bal de l'École militaire, parce qu'on est rentrée les yeux éblouis, la tête fatiguée, la robe déchirée, le bouquet fané, et qu'on s'est jetée sur son lit et qu'on s'est endormie en songeant à quelque joli officier, est-ce qu'on ne se souviendrait plus qu'il y a là, sous l'herbe, dans une fosse obscure, dans un trou profond, dans l'ombre inexorable de la mort, une foule immobile, glacée et terrible, une multitude d'êtres humains déjà devenus informes, que les vers dévorent que la désagrégation consume, qui commencent à se confondre avec la terre, qui existaient, qui travaillaient, qui pensaient, qui aimaient, et qui avaient le droit de vivre et qu'on a tués?

Ah! si l'on ne s'en souvient plus, rappelons-le à ceux qui l'oublient!

Réveillez-vous, gens qui dormez! les trépassés vont défiler devant vos yeux.

VICTOR HUGO.



III.

Recahira em nosso poder a cidade de Itajahy, retirando-se as forças inimigas, á principio com direcção a Blumenau e depois, em fuga desordenada com direcção a Lages.

Durante os poucos dias de sua occupação haviam commettido toda sorte de tropelias, vandalismos e atrocidades contra os habitantes da indefesa cidade.

Na propria occasião em que o *Meteoro*, sob o commando do valente 1.º tenente Firmino Ancora, investia o porto e dava desembarque ao punhado de bravos que levava a bordo, um dos officiaes, que primeiro saltára a terra, ouviu gritos que partiam de uma casa e para ella se dirigiu. Achou-se em presença de uma scena, que fôra alli muito repetida e que bem caracteriza a disciplina e probidade militares dos defensores da legalidade do marechal Peixoto.

Um sicario de arma em punho pretendia violentar uma menina de 14 a 15 annos, em presença de seus velhos paes reduzidos pela força a impassibilidade.

Maior do que a calma que exigia um tribunal e um julgamento exemplar para esse reprobado, foi o assomo de indignação do moço official, que abateu á seus pés o *bravo* soldado floriano.

Por toda parte onde passam essas hordas vandalicas da devassidão e da torpeza, deixam o rastro sanguinolento e infamante do roubo, do incendio, da pilhagem, da deshonra e do morticínio.

O quadro que apresentava a pacifica cidade de Itajaly, depois da occupação, é indescriptivel.

O que não saquearam, queimaram ou estraçalharam a ponta de bayoneta.

E apóz fugiram, como sempre, atirando ao rio os canhões, desaminados, desalentados — em completa debandada.

Porque não os continuou a perseguir então o exercito vencedor e não os aniquilou totalmente? . . .

Erro ou fatalidade das circumstancias, não é aqui o momento de tratar d'isso.

Retomados Itajahy e Blumenau, voltou-se a attenção geral para a tomada do estado do Paraná.

Aceito pelo general Gomersindo, commandante em chefe de todas as forças revolucionarias de terra, o plano do ataque simultaneo a Paranaguá, pela esquadra ao mando do almirante Mello, chefe da revolução e á Lapa pelas forças commandadas pelo general Piragibe, que se achavam no Rio Negro, e immediatamente em seguida a Tijucas pela columna d'aquelle general, plano proposto pelo autor desta narração, puzemo-nos em communicação com os nossos amigos do Paraná, e encetaram-se logo as operações.

Por circumstancias imprevistas, que um dia serão trazidas a publicidade, a esquadra ameaçou o porto de Paranaguá a 11 de Janeiro, antes de investil-o de vez, o que só fez á 16; o general Piragibe só atacou a Lapa á 17 e a columna de Tijucas, que deveria ser a ultima, para encontrar a guarnição impossibilitada de receber soccorros, atacou a 11, prolongando-se a resistencia da praça por haver ella recebido reforços de canhões e de gente apoz o primeiro ataque nosso.

A ameaça da esquadra deu logar a que os nossos amigos, que haviam preparado um movimento em terra, para auxiliar as operações do almirante Mello, se manifestassem extemporaneamente, resultando o fracasso da tentativa, impotente por si só, e a prisão immediata de grande numero de denodados patriotas, dos quaes muitos não se achavam nella compromettidos nem directa nem indirectamente.

A'sanha feroz dos soldados da dictadura era mais que sufficiente tal pretexto.

Começaram as barbaridades:

Perseguidos, presos, maltratados, tratou-se logo de suffocar qualquer pretensão de liberdade e civismo que pudesse repetir-se no futuro.

Sem demora o general commandante do districto, que precisava captar a confiança do marechal Peixoto, apoz seus notorios desastres do Rio Grande do Sul, num rasgo de *extraordinario* devotamento e *incontestavel* zelo pelo *systema politico* do *inclyto* marechal, passou para o Rio o seguinte telegramma:

Ajudante General—Rio—Peço-vos ordem mandar fuzilar principaes chefes federalistas Paranaguá—General Pego.

Que sanguinaria singelleza! Que confissão cabal dos processos usados pelo governo da *legalidade*, a cujo serviço estão todos os generaes do legendario exercito brasileiro!

A tão cathgorico e simples pedido responde o marechal Enéas, o Pío Enéas, que apparece na questão do vintem massacrando o povo inerme;—o Barão do Rio Apa do 15 de Novembro, onde seu vulto surge ao lado do general Floriano Peixoto prestes a trucidar seus irmãos de armas;—o ajudante general que, a 10 de Abril, mandava prender seus velhos camaradas por alferes e tenentes e arrastar a farda brasileira por todos os degráos da desmoralisação, do insulto e das mais vis infamias; responde, diziamos, com igual e terrivel laconismo.

General Pego—Curityba—Podeis fazel-o apoz conselho de guerra, porque o governo, approvará tudo—Marechal Enéas.

Apoz conselho de gaerra!

Impudentes tartufos!

Quem ha hoje no mundo que, sabendo soletrar as syllabas rubras da historia ensanguentada da Republica e desse trio ignobil e fatal, composto do marechal Floriano, das Escolas Militares e dos jacobinos, ignore o que sejam a Camara e o Senado, o Supremo Tribunal de Justiça, as commissões executivas militares e os conselhos de guerra do actual governo?

Aquelles, na sua maioria, são os filhos legitimos da fraude e da falsificação do escrutinio impostos, pela espada, ao paiz agitado pelo terror da guerra civil e tendo a terça parte dos seus estados sob o jugo ferrenho do eterno estado de sitio.

Delles pôde dizer o Tiberio moderno o que exclamava o seu

antepassado da historia—«Ah! os infames! são mais subservientes do que se carece!»

Sobre elles pode repetir as phrases de Napoleão 1º referindo-se ao Senado: em 1805, —«os covardes tem medo de me desgradar» e, em Santa Helena, —«sem titulos, sem poder e com a violação de todos os principios entregou a patria e consummou sua ruina. Foi um jogo de altos intrigantes . . . Não conheço corporação alguma que deva-se inscrever na historia com maior ignominia do que o Senado.»

Ao Supremo Tribunal, ao velho asno lamparento, covardemente submisso a albarda do esculapio sem clinica, que lhe impoz brutalmente o executivo, repetiremos nós as seguintes palavras de Victor Hugo:

«A justiça actualmente não é mais do que a chancellaria dos conselhos de guerra. Un soldado sahe do corpo da guarda e escreve a margem do livro da lei quero ou não quero. Por toda a parte o *caporal* (leia-se o alumno das escolas militares) ordena e o magistrado subcreve.—Eia, vamos, arregaçai as togas e marchae, ou senão. Dahi esses julgamentos, esses arestos, essas condemnações abominaveis. Que espectáculo, ver esse rebanho de juizes conduzidos de cabeça baixa, de pescoço estendido, á cronha d'armas, ás iniquidades e ás torpezas!»

Dos conselhos de guerra, constituídos no passado pelos melhores elementos do heroico exercito brasileiro, em cujas tradições vinham escriptas as brilhantes paginas da disciplina, da ordem e do patriotismo desse exercito que se conservára de pé, instituição unica, a 15 de Novembro de 89, no meio dos escombros que o cercaram; o que podremos dizer? . . .

O que poderemos dizer desses tribunaes militares, que eram a gloria da justiça calma, serena e reflectida, quando os vemos submettidos docil, passiva e incondicionalmente ás ordens da mais ferrenhas das tyrannias?

Nada.

Diante de nós vemos a historia, de pé, com o senho carregado, com os braços cruzados sobre o peito, prescrutando, com o olhar inquieto, o torvelinho louco de todas essas infamias, que se agitam freneticamente a baixo de seus pés, na

vaza infecta que revolve apóz si o seculo XIX na sua carreira vertiginosa para a perefctibilidade humana.

A ella deixamos o julgamento.

Ouçamos uma testemunha presencial dos factos de Paranaguá, uma das victimas; um honrado cidadão e prestimoso patriota, cujo nome respeitado é uma garantia a juntar á lhaneza franca e desapaixonada que se sente em toda a sua narração.

Vai fallar o coronel Theophilo Soares Gomes, antigo chefe politico liberal, primeiro governador do Estado do Paraná depois que este cahiu em nosso poder.

«Convidado pelo coronel Eugenio de Mello, commandante da guarnição de Paranaguá, a retirar-me de Antonina como suspeito de estar sublevando a guarda nacional d'aquella comarca, tive de mudar-me para aquella cidade, onde permaneci durante dois mezes.

«A 11 de Janeiro, ás 3 horas da madrugada, em consequencia do signal dado pelo telegrapho semaphorico de estarem cruzando á barra os navios revolucionarios, rebentou a revolta da guarda nacional de Paranaguá, reunindo-se 150 homens, sendo 90 de artilharia, 60 de infantaria e dispondo essa força de 4 canhões Krup. Entrincheiraram-se na *Costeira* e as 5 horas da manhã destacaram 50 praças, que, vindo a cidade, investiram o quartel, onde sustentaram renhido tiroteio durante 20 minutos, cahindo mortalmente ferido um dos atacantes.

«Retrocederam, em seguida, a reunir-se com os artilheiros na trincheira, d'onde continuaram a hostilizar as forças que se conservaram fieis ao coronel Eugenio de Mello com vivo fogo de artilharia e fuzilaria, até 1 hora da tarde, em que foi abafada a revolta, apóz a chegada de diversos reforços de Curytiba.

«Acto continuo ao ataque do quartel, foi cercada a casa de minha residencia e fui preso, assim como o foram, durante todo esse dia muitos outros correligionarios meus: ao todo 42 cidadãos.

«Encarcerados em uma immunda e nojenta cellula, nem espaço tínhamos para estender esteiras, unicas camas, e descansar os

corpos em extremo fatigados, sendo muitos obrigados a dormir de pé arrimados ás paredes.

«A agglomeração e consequente falta de ordem eram tales que os presos políticos viram-se forçados pelas circumstancias a nomearme seu chefe dictatorial, a quem todos deviam obedecer passivamente em beneficio commum!

«O calor acabrunhava-nos de uma maneira insupportavel. Começava a fazer-se sentir a rarefacção do ar. Alguns companheiros offegantes e angustiados mostravam-se oppressos pela terrivel situação em que nos achavamos. Nestas circumstancias prohibi a accumulacção de gente junto ás grades, permittindo sómente a permanencia, curta e alternada, de dois junto a cada uma dellas, ordenando aos demais que se conservassem estendidos sobre o chão, só ficando de pé os que não tivessem espaço para deitar-se.

«Tivemos, pois, n'aquella nõva Bastilha a respiraçõ, o ar livre, que o bom Deus tão fartamente distribue a todos, reduzidos a minguada raçõ, pelos nossos guardas, assim como, nos ultimos dias, a comida e as garrafas d'agua que nos eram passadas pelas grades. A agua era por mim distribuida em canequinhas de café e a alimentacção era tomada com as mãos, pois era prohibido o uso de garfos e facas!

«Para augmentar todos estes horrores e o nosso martyrio existia a um canto do carcere, o barril das fêzes, sempre cheio a transbordar, por falta de limpeza, infeccionando o ar com as emanacções fetidas e insupportaveis que exhalava.

«Nossas constantes reclamações, tanto a este como a outros respeitos nõ eram attendidas, dando-se-nos como pretexto acharem-se as chaves constantemente em poder do coronel Eugenio de Mello, que a ninguem as queria confiar.

«Na prisõ, que ficava por baixo d'aquella em que nos achavamos, soffriam iguaes tormentos 64 guardas nacionaes revoltosos, que tambem haviam sido presos.

«Ao todos 106 victimas!

«No quarto dia do nosso encarceramento vimos com apprehensões serem substituidos os guardas nacionaes que faziam a guarda da cadeia, por 60 estrangeiros mercenarios, pertencentes ao batalhão 111 de São Paulo, commandados pelo capitão Julio Garcia,

que, depois de mandar ostensivamente emballar as armas e dobrar todas as sentinellas, veio augmentar a agonia dos presos politicos com a noticia de estarem todos condemnados irremissivelmente a morte!

«Vimos mais tarde que esta noticia tinha por fundamento telegrammas do general Pego e do Barão do Rio Apa a esse respeito.

«Felizmente no dia 14, quando esperavamos, a cada instante, ser fuzilados, forçaram a barra os navios revolucionarios e, depois de tomarem a fortaleza, foram occupar o porto de Paranaguá.

«Ao romper do dia seguinte começou o bombardeio sobre as trincheiras e sobre a cidade, cruzando-se e duplicando sempre de violencia os fogos das baterias de terra e os da esquadra, durante 4 horas. Das grades viamos as granadas passarem sibilando por cima dos telhados e algumas rebentarem a pequena distancia da cadeia.

«Depois de uma pequena parada, o fogo recommçou sem cessar até as 4 1/2 horas da tarde, quando se effectuou o habil desembarque das forças sob o commando do bravo almirante Custodio de Mello, e foi tomado o porto de Pedro II, fugindo a guarnição em debandada, cerca de 800 praças, que abandonaram o coronel Eugenio de Mello, o qual por sua vez retirou-se precipitadamente para a cidade, acompanhado por cincoenta e tantos soldados de diversos batalhões. Ouvia-se então, ao longe, uma algazarra furiosa, um sussuro medonho, semelhante a uma tempestade que bramisse no meio d'aquella solidão, pois a cidade estava quasi deserta!

«Era o estrepito d'aquella gente que vinha com elle em completa desordem e conduzindo um dos oito canhões *Krup*, que fez assestar junto á cadeia, ahi organizando nova resistencia, depois de se haver unido á força alli existente.

«Atacado, porem, impetuosamente, pelos marinheiros e soldados federalistas que, apesar de serem recebidos a tiros de canhão e nutrida fuzilaria, avançavam sempre aos gritos de—matá *pica-pão* e viva a Republica—sustentando fogo vivo e certo, não pôde manter-se na posição que tomara e, vendo-se perdido, determinou -- *que nos assassinassem sem perda de tempo*—e fugiu. matando nessa occasião a tiro de revolver um soldado, um pobre estrangeiro que, procurando imital-o, apavorado tambem, faltou-lhe com qualquer regra de disciplina, talvez por mera ignorancia.

Ainda durante muito tempo tínhamos nos ouvidos o grito desse infeliz soldado ao cahir agonizante—Ah! meu coronel, meu coronel!—assim como os appellos constantes de—Cabo de la guardia—proferidos pela voz atravessada dos mercenarios á cuja vigilancia estavamos confiados!

«Um momento depois era preso o coronel Eugenio de Mello e a guarnição da cadeia, assim abandonada, fechou as portas e resistiu durante o resto da tarde e a noute inteira, mantendo das janellas continua fuzilaria para a rua.

«Era esse o ultimo reducto que ainda resistia, porque a cidade já cahira em poder dos revolucionarios.

«E' impossivel descrevero horroroso soffrimento dos prisioneiros durante o cerco da cadeia, desde as 4 1/2 da tarde do dia 15 até o ananhecer de 16, pois, alem da falta d'agua, o ar ja não era respiravel pela grande quantidade de fumaça e máo cheiro da polvora; e, ao passo que esperavamos a cada momento ser fuzilados, careciamos nos precaver contra o chuveiro de balas que vinha da rua, fustigando as paredes e furando a caliça, sendo mister para esse fim que nos deitassemos, ou melhor, que nos empilhassemos pelo chão n'aquelle acanhadissimo espaço!

«Para evitar que principalmente os mais idosos succumbissem ao desespero da situação em que nos achavamos, eu os animava proferindo a cada passo phrases como estas:—*Animo, presença de espirito e fé em Deus, meus amigos!*... No dia 16, finalmente, por volta das 4 horas da manhã, o capitão Julio Garcia, chegando-se á grade disse-nos:—O snr. coronel Theophilo, que é o chefe dos presos, queira ouvir a leitura desta intimação que acabo de receber do snr. tenente Lecoq em nome do almirante Mello.

«Depois de terminada a leitura da referida intimação para que se rendesse no prazo improrogavel de meia hora, proseguiu:—Poderia render-me e não seria deshonra para mim, visto não termos mais viveres nem agua para a guarnição e prisioneiros, porém, não tendo garantias de vida, prefiro morrer gloriosamente combatendo.

«A isso respondi, garantindo, em meu nome e em nome dos meus companheiros de prisão, que elle e toda a guarnição seriam considerados nossos hospedes, no caso de entregarem-se.

«Um dos prisioneiros politicos, o snr. 1.º tenente Souza e Mello, foi então encarregado de fazer essa proposta ao snr. tenente Lecoq de Oliveira, que, momentos depois, veio com outros officiaes abrir-nos as portas dessa Bastilha e libertar 106 cidadãos, que assim escapavam ao martyrio e ao assassinato a que os haviam condemnado.

«As cidades de Antonina e Morretes foram tomadas em seguida sem que houvesse resistencia, sendo indiscriptivel o enthusiasmo que se apoderou das populações da Marinha ao verem-se livres do jugo que as opprimia.

«A 17 de Janeiro fui acclamado governador; e um dos meus primeiros actos foi requisitar do almirante Mello os prisioneiros adversarios e chefes politicos, coronel João Guilherme Guimarães, capitão Thiago de Azevedo e outros, que se achavam presos a bordo do vapor *Iris*, os quaes, tendo-me sido entregues com a maior sollicitude, fiz recolher ao estado maior da guarda nacional, indo eu, em pessoa, acompanhá-los e deixando-os com liberdade ampla de se communicarem com suas familias e com seus amigos.

«Trez dias depois, segui com o almirante Mello para Curityba, onde fomos recebidos com os mais estripitosos e entusiasticos festejos e sincera satisfacção publica.

«Dahi telegraphiei immediatamente para as autoridades de Paranaguá, a fim de que os referidos presos ficassem detidos em suas proprias casas; alem disso evitei a prisão do coronel Arthur de Abreu e de muitos outros.

«Poucos dias depois que resignei o cargo nas mãos do coronel Dr. Menezes Doria, em quem eu, como toda a população livre do estado, reconhecia um dos paranaenses que maiores serviços prestaram a causa da liberdade, empreguei os maiores esforços para que fosse solto o conego José Jacintho de Linhares, o que consegui, tendo sido para esse fim mui auxiliado pelo mesmo Dr. Menezes Doria.

«Durante o meu governo, como no do meu digno successor, foi norma geral a generosidade, a benevolencia para com os adversarios, sem que jamais fosse exercida a menor violencia contra os seus direitos e garantias de cidadãos brasileiros.

«No meio dos desgostos e dissabores em que nos envolvem hoje, no exilio, as pungentes scenas que praticam n'aquelle infeliz estado os emissarios do marechal Floriano Peixoto, resta-nos o sereno conforto--de não haver provocado represalias, quem como nós se manteve na linha mais correcta dos deveres de bons patriotas, de bons cidadãos e de bons brasileiros.»

A 11 de Janeiro uma força do exercito do general Gomersindo Saraiva, de cerca de 200 homens dispendo de dous canhões de tiro rapido investio a povoação dos Ambrosios ou Tijucas, onde quatrocentos e poucos homens com dous canhões Krup, começavam a entrincheirar-se, desde a vespera, prevenidos da nossa approximação por um reconhecimento mal dirigido, ás suas avançadas, na tarde de 10.

Não tendo esse ataque produzido os effeitos previstos, por circumstancias que não vem a pello expender, estabeleceu-se o sitio da praça a 14 e teve ella de capitular a 19, sendo concedidas todas as honras da guerra a sua guarnição.

A historia do ataque, cerco e rendição de Tijucas é uma epopéa de actos de valor e de ensinamentos proveitosos quanto aos processos militares empregados, por isso, reserva-se para della tratar um dia, detalhadamente, o autor deste pamphleto.

Por enquanto só carecemos deixar consignado que, nesta luta constante de 7 dias, perdemos muitos companheiros dos mais valentes e queridos no nosso exercito, subindo nossas perdas a mais de cincoenta homens entre mortos e feridos.

Pois bem, apesar disso, esse exercito revolucionario composto na sua maior parte de elementos estranhos á disciplina militar, esse exercito de reprobos e bandidos, como o classifica *O Paiz*, podendo esmagar o inimigo que cortara fundo na fileira dos seus mais denodados soldados, porque, já então, Curityba cahira em poder dos revolucionarios e a Lapa, mal se mantinha, completamente cercada; pois bem, esse exercito preferio a isso aceitar a capitulação proposta por aquelles brasileiros que alli se achavam encurralados, já quasi sem alimentos e sem agua, dando-lhes,

com a fidalga e alevantada generosidade dos cavalheiros medievos, todas as honras e garantias que lhes pedirão seus chefes.

Nem um exceptuado houve e, entretanto, punge-o dizer mas é necessario, existia alli official com armas na mão contra nós que, debaixo de sua palavra de honra, promettera na capitulação do Desterro não mais tomar armas contra o exercito revolucionario.

Não ha quem desconheça quanto a lei militar e' clara, precisa, energica e summaria neste particular.

Incapaz de falsificar ou adulterar os factos, citaremos a circumstancia de ter sido atirado por um capitão dos patriotas paranaenses ao serviço da nossa causa um paizano das forças contrarias, na occasião em que entravamos na praça; circumstancia infameamente alterada e ageitada á torpeza pela mentira e infamia dominantes nos arraiaes do marechal Peixoto.

A familia desse federalista que habitava nas immedições de Tijuca, fora perseguida, injuriada, sua casa, suas roças, seu campo, devastados e queimados por um individuo denominado Prevost e por seus filhos.

Ao entrar elle na praça com o primeiro pequeno grupo de officiaes que alli foram, em quanto se formulava a capitulação, encontrou-se, frente a frente, com o seu mortal inimigo.

Rapidos tomaram das garruchas e atiraram-se quasi ao mesmo tempo, sendo ambos feridos. o capitão federalista no rosto e Prevost no peito, mais gravemente.

Note-se que esse acto foi geralmente deplorado e censurado, porque poderia ter produzido graves consequencias.

No seguinte dia deixamos Tijuca com direcção á Curityba, onde chegamos a 21 e, depois de nós, todos os capitulados, sendo tratados com a maior gentileza e bondade por parte dos vencedores.

Ao signatario desta narração, quando commandante da guarnição d'aquella cidade, ordenou correctamente o senr. almirante Custodio de Mello que mandasse fornecer, áquelles dentre os vencidos que o necessitassem, hotel e alimentos por conta da revolução. Isso foi immediatamente communicado ao coronel Adriano Pimentel, ex-commandante da praça de Tijuca.

Era tal a liberdade e somma de garantias que desfructavam os

capitulados que um delles, provocou por sua leviandade e pela incontinencia de sua linguagem desabrida contra os revolucionarios, uma scena de pugilato nas ruas de Curityba, da qual sahiu muito maltratado no rosto.

Todos os officiaes e praças que se renderam em Tijucas e quizeram sahir do Paraná o fizeram e a maioria delles foi collocar-se de novo ao lado do marechal Floriano Peixoto, apesar da palavra dada—de não tomarem mais armas contra a revolução.

Só ficaram aquelles que o quizeram fazer por sua livre vontade.

Uns, covardes indignos e infames correram a narrar a *O Paiz* as mais asquerosas mentiras e vis phantasias, das quaes se faziam heróes, esquecendo facilmente, essas almas de lama, a generosidade e carinho com que haviam sido tratados. Outros, nobres e dignos ahi estão para confirmar o que deixamos dito com sua autorisada e respeitada palavra.

Bem quizeramos citar seus nomes, mas seria apontal-os á sanha do chefe desses bandidos, para quem essas correccões da honra e da probidade são uma allusão mordaz e ferina á suas constantes traições e falsidades.

O coronel Adriano Pimentel, por nós respeitado pela bravura e criterio com que se comportára no seu papel de commandante d'aquella praça, foi, ha pouco, condemnado pela mais esdruxula e descommunal sentença que poderia produzir o *Supremo Tribunal Militar*, mesmo no periodo de decomposição putrida em que se acha todo o paiz, mesmo nos mais subservientes requintes de submissão.

As doutrinas por elle forjicadas *ad usum Floriani*, se não são convincentes para o feito, attestam ao menos a ignorancia ou misera complacencia dos actuaes instrumentos da suprema justiça militar brasileira!

O cerco da cidade da Lapa começou a 17 de Janeiro e terminou á 11 de Fevereiro pela capitulação das forças que a defendiam.

No quadro triste e tenebroso dessa malfadada resistencia ergue-se o vulto de um distincto soldado que, mais do que o valor

e denodo militares, symbolisa fielmente o desregramento e allucinação dos intuitos e das praticas criminosas do governo do marechal Peixoto, elle é —o coronel Antonio Ernesto Gomes Carneiro.

Nomeado commandante da columna invasora do estado de Santa Catharina em meados de Novembro, trazia esse official escripto, nas mais lidas paginas das nossas tradições militares, o nome digno e honrado de um soldado valente illustrado e honesto.

Amigo intimo do marechal Peixoto, sua illimitada e incondicional dedicação a esse despota desde que assumira o governo, já havia levantado sobre a pureza do seu passado, graves suspeitas que, infelizmente, seu procedimento durante o sitio da Lapa veio ampliar e confirmar.

Quer porque fundo lhe alterassem o liso character as agradores de pungitivos e intimos desgostos, quer porque, a depravação moral do poderoso amigo lhe corrompesse o espirito já enfraquecido pelos rudes golpes que soffrera, plantando-lhe no animo as corruptoras e iniquas doutrinas do dominio tyrannico do militarismo, o facto é que o procedimento desse official apparece nos acontecimentos da tomada do Paraná, como um amalgama inexplicavel de bravura e ferocidade, de illustração e barbaria, e de criterio e incriveis desatinos.

Louco ou phanatico, seu denodo militar não salvará o brilho da farda brasileira, que elle tambem —um velho e bom soldado —deshonrou, pela crueldade e selvageria do seu barbaro procedimento durante o cerco da Lapa.

Desde que começou a fortificar a cidade, á approximação das forças federalistas victoriosas, determinou que ninguem della pudesse sahir e assim conservou durante vinte e seis dias de ataques, bombardeios e fuzilaria continuos, á crianças, mulheres e velhos, sob a acção mortifera das balas, sem a menor vantagem para a resistencia que estabelecera e até com frisante quebra das boas regras militares que, nestes casos, ordenam cathegoricamente o afastamento de taes elementos, não só como um preceito de humanidade, mas, ainda, por ser um spectaculo desmoralizador para a energia das tropas a presença desses entes fracos e innocentes, sujeitos aos perigos e terrores de uma praça sitiada, cujo numero

de boccas augmentam, sem produzir nada de efficaz ou de proveitoso á defesa.

Por mais de uma vez, antes e durante o sitio, dirigiram-se ao coronel Carneiro commissões de senhoras e crianças, pedindo-lhe, até como uma graça, que as deixasse sahir da cidade com destino a Curityba.

Grosseira e duramente respondeu sempre o chefe militar pela negativa.

E assim se viram essas pobres creaturas, escondidas nos porões das casas, sem poder fazer fogo para preparar alimentos, sem poder sahir para procural-os, poupando os recursos que com as maiores difficuldades e perigos alcançavam obter, durante quasi um mez.

O horror desta situação é indescrptivel.

Durante os bombardeios, as mulheres oravam e as crianças, ao sentir o primeiro tiro, atiravam-se ao chão de ventre para baixo e assim se conservavam, as coitadinhas, por largo espaço de tempo, até que cessasse o troar da artilharia.

Sobre as familias que, allucinadas pelo terror, procuravam fugi a esse martyrio, atirava fria e cruelmente a guarnição da praça, afim de evitar que chegassem ás nossas linhas.

O proprio coronel Carneiro, quando fazia suas rondas pela cidade, trabalhava para conservar e augmentar o regimen do terror, em que baseava toda sua força.

Nesse intuito ameaçou um dia os octogenarios Manoel Pacheco e Braga, de mandal-os fuzilar, porque lhe constava que amigos seus estavam conspirando.

Não ha em todo o Brasil quem, tendo viajado pelo interior do estado do Paraná, nestes ultimos cincoenta annos, não traga no intimo recanto do coração, onde se guardam as doces reminiscencias da gratidão e da bondade, a lembrança suave e terna desses dous patriarchas, que nesse passado de ordem, de paz e de socego, nos recebiam affaveis, lhanos e risonhos no seu lar sempre franco, sempre amigo, sempre hospitaleiro.

Muitos annos são decorridos, depois que os conhecemos, mas, as impressões que conservamos desses dous anciãos, são tão gratas, tão puramente são, que se nos afigura uma profanação as brutaes ameaças e perseguições de que foram victimas.

Durante o cerco, na casa do —velho Braga,—como o denominava o respeito popular, refugiaram-se mais de cem crianças e mulheres de amigos e de adversarios, na de Manoel Pacheco e na do seu primo e cunhado, o Dr. José Pacheco, a quem submetteram aos maiores vexames, tambem muita gente se abrigou, sem distincção de partidos.

D'ahi a ameaça, infelizmente preparada pela intriga de para-naenses como elles, dahi a morte de muitos dos seus parentes e o assassinato do proprio filho do primeiro!...

Barbaros!..

Das janellas da casa da camara, que domina toda a cidade, Barreto, já celebre pelas suas violencias e desmandos que a ninguem poupavam, com companheiros de igual jaez, atirava sobre mulheres e crianças que lhes appareciam ao alcance das armas fóra das trincheiras, dizendo, quando os presos politicos lhes preguntavam porque commettiam taes atrocidades—«*são fidelis*», isto queria dizer—federalistas.

Os cadaveres de duas pobres mulheres que haviam cahido, varadas pelas balas das fêras florianistas, quando fugiam da praça, em zona muito sujeita ao fogo das trincheiras, levaram varios dias expostos, apezar de pedirem, muitas vezes, em altas vozes, os nossos soldados que interrompessem o fogo que elles os iriam enterrar, ou que o fizessem os da fortificação, com a garantia de que sobre elles não atirariam.

Para consignar a differença de procedimento entre sitiantes e sitiados, para que os *Paizes* do governo do marechal Floriano possam bem medir a depravação e o canibalismo dos soldados boçaes a que se venderam de corpo e alma, se é que alma possuem, citaremos um facto que bem a caracteriza.

Em um dos ultimos dias do sitio, por volta das 4 horas da tarde, as familias de Bernardino Monteiro, Francisco Xavier, Geniplo Ramos e Sechelero, compostas de cerca de vinte pessoas entre crianças e mulheres, aproveitando um ensejo favoravel, deitaram a correr em direcção ás nossas linhas, tendo de atravessar um espaço descoberto de perto de seiscentos metros.

Ao apparecerem n'essa zona as mulheres com os filhinhos ao collo e arrastando outros pela mão, rompeu contra ellas o fogo deshumanamente vivo e cerrado das trincheiras.

Os federalistas indignados contemplavam esse barbaro fuzilamento com os leaes corações prenhes de anciedade, com toda a vida concentrada no olhar, sem nada ousarem tentar, pois, a fuzilaria da praça varria o campo e a ella se uniria a metralha se procurassem avançar, quando, de repente, um *viva* estrondoso um desses *burras* possantes de enthusiasmo, nos quaes como que todos os affectos e sentimentos de nossas almas se elevam aos ceus, rompeu de nossas linhas avançadas.

E' que assomára no extremo desse sector da morte, calma, impavida e temeraria uma força da brigada do coronel Torquato Severo, que a galope veio estender uma muralha de valentes peitos riograndenses, mais fortes do que uma trincheira de aço, entre perseguidos e perseguidores, respondendo com incrível energia ao fogo da praça, que fez calar em poucos instantes, salvando os miseros fugitivos que foram recebidos nos nossos acampamentos com as mais cordiaes provas de simpathia e respeito.

Assim respondemos sempre á barbaria dos contrarios com a fidalga generosidade de brasileiros e á sua covardia com heroismos desta ordem.

Por mais de uma vez os generaes Piragibe e Gomercindo procuraram parlamentar com os sitiados, afim de fazer-lhes conhecer a situação desesperada em que se achavam e evitar o derramamento de sangue brasileiro.

Por mais de uma vez, tambem, os nossos emissarios foram repellidos a balas, requintando-se a covardia com a traição de deixa-los avançar com a bandeira branca até proximo das trincheiras, para tornar mais certa a fuzilaria, como fizeram com o tenente José Chiaffitella.

Nada demovia o coronel Carneiro da insensata decisão de fazer-se matar no recinto das suas fortificações, com todos os brasileiros que alli se achavam sob suas ordens e com as crianças mulheres e velhos, que á força detinha em tão horrorosas e tristes condições.

Aquelles que têm um pouco de leitura destas cousas de guerra digam-nos como classificar esse homem que, frenetica e cruelmente calcava aos pés, tudo o que a bravura militar tem de

mais nobre e digno—o respeito e a protecção á fraqueza da mulher, do velho e do infante?

Examinemol-o, agora, ainda que rapidamente, por uma outra face—a da coragem, tenacidade e conhecimentos militares, que poz ao serviço da defesa de que se encarregára e demostremos que foi, elle tambem, mais uma victima da covardia e ignorancia dos chefes florianistas e da traição do amigo por quem tudo sacrificára—o marechal Floriano Peixoto.

Despachos telegraphicos e outros documentos que cahiram em nosso poder com a tomada do Paraná, vieram trazer larga luz sobre esses factos.

Por telegramma do general Enéas Galvão ao Commando da Guarnição de Curityba, de 19 de Novembro, communica-se que o coronel Gomes Carneiro fôra nomeado commandante da columna que devia invadir e operar em Santa Catharina, procurando unir-se ás forças do general Arthur Oscar.

Note-se que já nessa epoca o governo sabia que o exercito de Gomercindo Saraiva dirigia-se á Itajahy e Joinville, e que a columna do general Lima marchava em seu seguimento, emquanto que as forças de Arthur Oscar estavam detidas no litoral pelas do general Salgado, e Piragibe avançava sobre a villa do Rio Negro, em perseguição das forças do general Argollo, as quaes, depois de haverem entrado no estado de Santa Catharina até S. Bento, se retiravam apressadamente sobre á cidade da Lapa.

Conhecido este dispositivo, o plano do telegramma é o que de mais grosseiramente erroneo se póde imaginar.

Conservar a villa do Rio Negro; guardar a estrada dos Ambrosios e mandar proprios ao encontro da columna de Lima, para que abandonasse a perseguição em que se empenhára e marchasse rapidamente pela estrada da Matta ao encontro das forças do Paraná, a fazer junção com estas; cair sobre o general Piragibe pela frente atirando-o contra a força dos Ambrosios, que já então devia estar senhora da serra; e marchar sobre Joinville—era o plano unico e para frustral-o foi que trabalhou sempre e activamente, junto ao general Gomercindo, o signatario desta narração.

Com a lucida comprehensão de um soldado conhecedor do

seu officio o coronel Carneiro, logo de chegada, comprehendeu claramente a situação e tentou executar esse plano.

Felizmente para nós o coronel Joaquim Lacerda commandante da brigada de guardas nacionaes e patriotas estacionada na Lapa, oppoz á sua execução os maiores obstaculos, dando tempo a que Lima se adiantasse até Itajahy e nós podessemos batel-o, atiral-o derrotado para a serra, a que retomassemos aquella cidade e enviássemos soccorros a Piragibe, que já a custa dos maiores sacrificios e coragem se sustentava na villa do Rio Negro.

Ainda durante a permanencia da columna do general Lima em Itajahy e Blumenau, tentou Carneiro avançar ao encontro das forças de Piragibe, recalcal-as sobre as de Gomercindo, e, uma vez senhor da serra, encurrular o exercito revolucionario nas pessimas posições que occupava no litoral e ahi batel-o.

Para isso mandou apressar a construcção da estrada dos Ambrosios á de D.^a Francisca, enviou proprios ao general Lima e tomou todas as precauções necessarias ao movimento, na realidade ainda bem planejado, attentas as condições em que nos achavamos.

Neste novo emprehendimento Lacerda mais uma vez oppoz-se a acompanhá-lo e telegraphou ao Marechal Floriano nesse sentido, vindo ordem a Carneiro para não sahir da cidade da Lapa. — Vista saias nos seus guardas nacionaes; era a expressão com que elle verberava Lacerda, sempre que achava ensejo, lembrando sua fraqueza.

Depois disso, nas circumstancias em que estavam, a resistencia da Lapa tornou-se um facto logicamente fatal.

E se, ainda quando elle a prolongava ao ultimo extremo, esperando soccorros, o marechal seu amigo tivesse mandado avançar as forças do Itararé, os restos da columna de Lima que se achavam nas immediações de Lages, para auxiliar Carneiro e investisse Paranaguá com a sua já então *famosa* esquadra, outro teria sido o resultado da nossa gloriosa jornada do Paraná, onde a escassez de todos os recursos materiaes só foi supprida pela bravura e denodo dos chefes e de seus auxiliares.

Mas o marechal não entendeu assim.

O que vale para essa alma egoista, traiçoeira e cruel a dedica-

ção, amizade e heroismo de um velho amigo, de um seu fanatico admirador? . . .

Perguntai-o aos generaes João Neiva, Antonio Maria, Almeida Barreto; consultai os tumulos dos generaes Deodoro, Telles, capitão de mar e guerra Lorena e de tantos outros.

Que morresse no seu posto e que morresse matando velhos, mulheres e crianças indefesas, fuzilando os parlamentarios e espesinhando as mais comesinhas leis da humanidade e da civilisação—é o que lhe ordenára e elle devia fazer. E que não o fizesse... e que se rendesse diante da força do numero e das oppressoras circumstancias de um sitio apertado, no intuito de poupar vidas preciosas cujo sacrificio seria já em pura perda—que o esperava a prisão ou o fuzilamento.

Traio-o, abandonou-o, matou-o, como o trairam tambem os chefes, que o deviam soccorrer e que pela sua ignorancia, pelos seus erros e pela tibieza de animo, mais de uma vez comprovados, não o fizeram.

Esta é a verdade.

E, para demonstral-a, quanto á defesa da Lapa, basta, alem dos factos acima narrados, a transcripção do seguinte documento, passado depois da morte de Carneiro, no proprio dia em que foi assignada a capitulação, em que tomamos conta da cidade pela manhã, em que o snr. Lacerda com sua familia solicitaram a protecção de alguns dos nossos chefes, que a dispensaram com o maior cavalheirismo e em que de tudo poderia tratar um chefe militar, menos de ajustar contas pecuniarias.

Não faremos commentarios, apenas perguntamos:—o conselho de investigação a que respondeu esse coronel terá tido conhecimento de tal documento?..

«Reis 10:000 \$—Recebi do senhor Major Felipe Schmit, assistente do quartel mestre general, a quantia acima de dez contos de reis, para pagamento de parte dos soldos vencidos ás praças da segunda brigada, sob meu commando, até que o Governo Federal tome providencias e definitivamente resolva a respeito.

«Por isso passo o presente em duplicata para um só effeito. Acampamento na Lapa, 11 de Fevereiro de 1894.

«(Assignado) Joaquim Lacerda, Commandante da 2.^a Brigada.»

A 20 de Janeiro, estávamos senhores de todo o estado do Paraná com excepção da cidade da Lapa, que resistia ainda ao cerco estabelecido pelas forças do general Piragibe ás quaes se juntaram a 22 as do general Gomercindo, e as colonias militares fronteiras, pontos, sem importancia por seus poucos recursos e pela distancia em que se acham situados.

«Importante como é Paraná e ameaçado como se acha invasão Gomercindo...»—dizia, o general Enéas Galvão, em telegramma de 19 de Novembro.

E tinha razão. Militar e politicamente a tomada desse estado foi o golpe mais profundo que soffreu a dictadura do marechal Peixoto, em todo o periodo revolucionario.

Alem das vantagens militares obtidas e das quaes não soube-mos tirar o proveito naturalmente indicado, que teria sido uma expedição ao Rio Grande do Sul com o fim de tomal-o e voltar immediatamente a fortificar a marcha victoriosa da revolução do Sul para o Norte, como tantas vezes aconselhamos, tivemos a feliz oportunidade politica de mostrar á uma população que vinha da mentira, da calumnia e da infamia contra nós movidas pelos servos ignaros da tyrannia—que não eramos os barbaros, os sanguinarios reprobos annunciados e que só nos impellia a idéa republicana e a digna e patriotica aspiração de arrancar, a custa de todos os sacrificios, nossa querida e idolatrada Patria das garras infamantes do sinistro corvo do Itamaraty.

Se o erro negou-nos a victoria das armas, consentiu a Providencia que alcançassemos o mais brilhante de todo os triumphos—o reconhecimento, pelos nossos contrarios, da santidade e pureza dos nossos intuitos e a nobre e generosa correcção do nosso procedimento de soldados da liberdade.

Ao encontro das phalanges federalistas allucinadas pelo fumo dos recentes combates, desvairadas pelo entusiasmo das ultimas victorias, correu a misera Curityba, com as cadeias rotas a pender-lhe dos punhos, com as vestes polluidas pelo martyrio e pelo captiveiro, com os louros cabellos esparsos e o collo offegante, a entregar-se confiante á discrição desses vencedores que lhe diziam ser a horda dos mais ferózes e cruentos bandidos.

E esses homens, esqualidos, esfarrapados, cobertos da poeira e do sangue da batalha da vespera, curvaram-se humildes, e res-

peitosos diante da virgem dos pinheiraes, e erguendo-a nos hombros athleticos, respeitaram as mais pequeninas exigencias dos seus milindres de cidade civilisada.

A imposição das contribuições de guerra é um direito dos vencedores, reconhecido por todos, menos provavelmente pelo *Supremo Tribunal Militar* do marechal Floriano, o qual já negou por um celebre acordão, o direito de qualquer praça sitiada, em condições desesperadas, negociar ou aceitar capitulações, se os sitiantes são rebeldes, esquecendo-se de que quando a força, nestes casos, impõe duramente o—capitula ou rende-te a discrição—só enfermiça pusilanimidade, pôde determinar que apertado entre a honra de uma capitulação digna e a infamia de entregar, passivamente, ao arbitrio do vencedor, aquelles a quem commanda, o chefe militar indague antes da qualidade moral da força que o opprime e se ella não tiver toda a pureza da regularidade legal, prefira o segundo caso.

São cousas da *Republica* do marechal Peixoto que deixamos ao julgamento inexoravel do futuro.

O Almirante Mello e o general Gomercindo Saraiva, que, á frente de forças extenuadas pelas fadigas, pelas necessidades e baldas de recursos bellicos, entravam vencedores em Curityba, tinham o direito de agir como, em analogas circumstancias, alguns generaes na campanha franco-allemam de 1870 (para só citar um exemplo moderno) impondo friamente á cidadã vencida a taxa de guerra que lhes devia pagar.

Só a ignorancia dos parvos ou a má fé dos homens do Snr. Floriano podem negar esta verdade.

Pois bem. Nem o almirante, nem o general, nem ninguem o fez.

Mostraram-se brasileiros.

Entramos nessa cidade, donde poucos dias antes fugira o seu celebre governador Vicente Machado, levando no bolso todo o dinheiro existente nos cofres publicos—aquillo com que se compram os homens, na sua propria expressão—e fomos recibidos de

braços abertos, no meio das maiores expansões de alegria e felicidade, sem exercer a menor pressão.

Providencias, as mais energicas, foram tomadas por aquelles chefes, afim de evitar os abusos que infelizmente sempre se dão em taes occasiões, e não ha alli quem não se recorde de que duas praças do exercito libertador foram julgadas e executadas por terem tomado á força alguns objectos em uma casa e ameaçado a seu proprietario.

Os nossos adversarios que, nos primeiros momentos da occupação se achavam dominados pelo terror que naturalmente lhes devia inspirar esse exercito, que os seus chefes apontavam como uma pandilha de ladrões, sentiram-se logo garantidos; e era para ver-se a felicidade com que a maior parte exultou em reconhecer em nós tão bons cidadãos e tão leaes republicanos quanto elles.

Os proprios capitulados em, plena liberdade, reconheciam e proclamavam nossa correcção, a generosidade com que procediamos e frequentavam-nos em franca communhão, confiantes e seguros do nosso procedimento.

Podem comprovar estas verdades, alem de muitas outras pessoas, as familias do governador Vicente Machado e do tenente coronel Ernesto de Campos Lima, as quaes tendo-se ausentado da Capital, voltaram, por solicitação do chefe de policia, a habitar as casas onde moravam, invariavelmente tratadas com a maxima deferencia; e os coroneis Joaquim Lacerda e Napoleão Poeta, o tenente coronel Libero Guimarães e o Dr. Marcellino Nogueira Junior que declararam ter sido enganados a nosso respeito pelo marechal Floriano e sua gente, cujo procedimento antipatriotico condemnavam então e foram por nós tratados com a maior consideração e protegidos, quando para elles se voltavam todos os odios, dos seus proprios amigos, que diziam ter sido levados á luta por suas suggestões e influencia.

Quanto ao Dr. Marcellino Nogueira, cunhado do coronel Lacerda e capitão de suas forças, chegou a escrever em seu diario do cerco da Lapa, que temos em nosso poder o seguinte: «Diante de todos os olhos, diante de todas as circumstancias, o governo que infelicita este malfadado paiz apresenta-se como verdadeiro

criminoso, como unico autor de tantas e tão lamentaveis desgraças, coberto de imprecções, de maldições e de justos improperios, por victimas de tão desorganizada administração, esse governo não póde e não deve ficar para tranquillidade de todos.»

A não ser o coronel Serra Martins, o tenente Muricy, o deputado Lauro Müller e dous ou trez florianistas mais, que se occultaram e fugiram, protegidos por alguns dos nossos, os mais viviam em Curityba em perfeito goso de todas as liberdades. E note-se que isso teve logar mesmo durante os largos dias em que os nossos bravos soldados cahiam victimas das balas dos seus amigos no cerco da Lapa.

A cidade tomára sua vida normal, salvo uma ou outra pequena restricção essencial a nossa posição militar e politica, que não nos permittia dormir sobre a calma apparente de alguns dos contrarios, que, abusando das garantias dadas, conspiravam contra nós em todos os terrenos.

Mas, nem esses mesmo, foram jamais violentados nem perseguidos.

Emprazamos, com a pureza da convicção de quem nem mesmo para salvar a vida é capaz de adulterar a verdade dos factos, a toda essa turba vil, gananciosa e torpemente venal da imprensa florianista, a que nos aponte o nome de um paranaense honesto, de um homem de bem que nos venha contestar com fundamento.

Que haja, a não ser esses ratos esgalgados e famintos dos restos do cadaver da Patria que lhes deixa cahir o tigre vermelho, um cidadão que se preze e que venha nos affirmar — que a regra geral da nossa occupação no estado do Paraná, deixou de ser a da mais cavalheira fraternidade e digna tolerancia! . . .

Que haja e quebraremos nossa penna.

Desde a tomada de Paranaguá, a 16 de Janeiro, até 25 de Março, em que foi o Paraná effectivamente abandonado, afim de tentar-se a expedição do Rio Grande do Sul, dous governadores dirigiram os negocios publicos nesse estado:

○ coronel Theophilo Soares Gomes, de 17 á 21 de Janeiro;

○ Dr. Menezes Doria de 21 de Janeiro á 25 de Março, quando passou o governo ao digno general Cardozo Junior.

Ambos vinham do carcere, da oppressão, da ameaça, dos insultos e das perseguições continuadas, e cahiam no meio dos seus adversarios, dos seus inimigos, dos seus algozes com toda a força e com todo o prestigio de um governo nascido da revolução vencedora e no periodo agudo das exaltações e da embriaguez da victoria.

Entretanto, á elles, cabe principalmente a orientação de paz, de ordem e de harmonia, que, com o auxilio de todos os chefes revolucionarios, deram aos seus governos.

Bem difficil é á fraqueza das paixões humanas, saber conservar a calma e a energia precisas, em taes occasiões, para se não deixar vencer pela allucinação do meio, para se não deixar arrastar pela violeneia das circumstancias, para se não deixar fascinar pelos ouropéis de passageiras gloriolas.

Souberam resistir com louvavel patriotismo a todos esses factores de desorganisação e desordem, que cercam os governos em taes condições, e apraz-nos consignar essa gloria, que hoje os exaltam aos olhos de seus amigos e correlligionarios, porque para ella concorreremos sempre com o esforço de que eramos capazes.

Elles como todo o Paraná o sabem.

A administração do coronel Theophilo durou poucos dias, mas esses poucos dias foram os primeiros, os mais difficéis, aquelles em que surgem de cantos ignorados, esses cogumelos da covardia, a pedir e aconselhar violencias, energias, vinganças,—para se firmar o principio da autoridade. A velha historia, emfim do marechal Floriano Peixoto e d' *O Paiz*.

A administração do Dr. Doria teve, por sua duração e pelo momento politico em que foi exercida, todas as difficuldades da reorganizaçáo do estado e da direcção dos acontecimentos, os quaes demandavam do seu patriotismo e abnegação o maior criterio possivel.

Não é nosso intuito apresental-o á opinião publica, nessa phase difficilima de sua vida politica, como tendo sido impeccavel.

Não.

E' possivel que tenha errado.

Mas todos os seus erros, todas as suas faltas, si erros e faltas commetteu, devem desaparecer aos olhos do paiz e principalmente aos olhos dos paranaenses, diante do quanto fez para que, durante o seu governo, não se estabelecesse no seu estado natal o regimen sinistro das vinganças e das represalias, que alli plantou, depois d'elle, o marechal do crime — dividindo o pacifico povo do Paraná em victimas e algozes.

Um dos seus principaes serviços foi o de transformar a brutalidade da contribuição de guerra, na equidade relativa de uma contribuição razoavel, distribuida por uma commissão do commercio a titulo de emprestimo e de accordo com o que de mais justo se podia fazer em tão anormaes circumstancias

Sua protecção a todos os adversarios, a solitudine e devotada actividade com que trabalhou sempre pela concordia dos heceterogencos elementos, que um golpe das armas reunira no seu estado, são outros não menores serviços prestados á causa revolucionaria.

Com a insinuante habilidade que sabe pôr ao serviço de sua intelligencia, alcançou dos chefes militares da revolução tudo quanto lhe parecia util á causa que esposára e ao socego e bem estar dos seus conterraneos.

Os horrores, os crimes, as nefandas vinganças que se vão ler em seguida, commettidos pelos emissarios do marechal Floriano Peixoto, depois que occuparam o Paraná, por nós abandonado, não encontram a menor justificativa em qualquer dos seus actos, e ficam isolados no fundo negro da desgraça da Patria—mais como uma crueldade desnecessaria e brutal de um *Herodes* ou de um *Carlos IX*, do que como vingança cruenta de um Cezar.

E' que para esse lazaro asqueroso do Itamaraty já não ha sangue brasileiro que baste á lavagem da lepra moral do seu hediondo character.

Resolvido o abandono do Paraná e a expedição ao Rio Grande do Sul pelo almirante Mello, que entendia ser essa a unica medida a tomar nas apertadas circumstancias em que se achava a revolução, o Dr. Menezes Doria, com intuito de vir ao Rio da

Prata desempenhar uma commissão de que fôra encarregado pelo Governo Revolucionario e, ao mesmo tempo, preparar certos elementos com que contava manter a posse de seu estado no caso de bom exito d'aquella expedição, passou o governo ao general Cardoso Junior, que, com o maior patriotismo o recebeu.

Com elle partiram, no dia 26 de Março, alguns amigos particulares e alguns revolucionarios, que julgaram nada mais ter a fazer n'aquelle estado e que não podiam seguir com as forças do almirante Mello, que deviam sahir de Paranaguá nesse mesmo dia, nem com as do general Gomercindo que deviam tomar em seguida a direcção do Rio Grande do Sul, sendo tudo isto decidido de combinação com estes chefes.

Só depois de um mez de abandonado o estado por todas as nossas forças, foi occupado pelas do marechal Floriano, escolhidas a capricho entre os mais ferozes bandidos da sua jacobinada desenfreada e dos seus pretorianos sem escrupulos.

Senhores do infeliz Paraná, foi o commando dessas forças entregue ao general Everton Quadros, com ordem expresa de fuzilar, alem daquelles que lhe eram indicados em largas listas vindas do Itamaraty, todos os cidadãos que, directa ou indirectamente, fossem considerados compromettidos na revolução.

O *Paiç* pedira cabeças, pedira sangue, pedira vingança e o marechal Floriano sempre docil a esses pedidos dos seus sinistros amigos, dos seus covardes sequazes, quiz lhes dar um mar de sangue onde colorissem as faces descoradas pelas vigalias do crime e gastas pelo attrito continuo de todas as infamias, de todos os vicios, de todas as baixezas e de todas as deshonras.

Arreda, corja polluida, relé vil, escoria dos calabouços! . . .

Arreda! . . .

Nesta pagina só podem ficar os homens de bem, os cidadãos honrados, de pé com o chapéo na mão, a contar com a voz estrangulada pelo desespero, como o filho dos Borgias, os esquifes dos amigos traiçoeiramente assassinados.

Arreda, canalha—os mortos vão desfilár.



IV.

No sobrado da rua *America* esquina da *13 de Maio*, em frente ao quartel do *17 de linha*, do qual é dependencia, achavam-se accumulados, a 20 de Maio, sem a menor commodidade, varios cidadãos que haviam sido violentamente presos e para alli brutalmente arrastados.

Depois do susto e receio dos primeiros momentos da occupação de Curityba, a 5 desse mesmo mez, pelas forças florianistas, começaram os emissarios da morte e do crime a perseguir, prender e encarcerar, discricionariamente, a inimigos e até a amigos e a recolhel-os não só a essa casa como a cadeia e ao theatro de S. Theodoro.

«Sobre a infeliz cidade de Curityba, diz uma testemunha, paira a atmospheria do mais indiscriptivel terror; ninguem se julga garantido contra a sanha indomavel desses phariscus, que varejam as casas, pesquisam os matos e promettem, traçoceiramente, fallazes garantias para apanhar os incautos.

«Nas ruas desertas, só se ouve, durante o dia como pela calada da noute, o tenir das espóras, o arrastar das espadas e o bater dos ferros dos cavallos a galópe da tropa desenfreada entregue a embriaguez, ao saque e a devastação.»

«Depois de cada noute que passamos em claro e a rezar, diz outra testemunha, uma jovem e corajosa senhora, damos graças a Deus de não ter sido varejada e saqueada nossa casa e todos nós mortos. Para augmentar esse pavor, que elles bem sabem existir por toda a parte, batem brutalmente com as cronhas das armas, ao passar em frente as portas, e ameaçam a todo mundo com avinhada vozeria.

«Constantemente são conduzidos pelas ruas, amarrados, a pé,

descalços, no meio de escoltas, homens dos mais conceituados e estimados, que nos dizem vir assim de muito longe, acrescentando que, muitos delles, já tem sido surrados á varadas e citam até o nome de Frederico Prohman, filho do negociante allemão Emilio Prohman, cujo corpo se acha coberto de vergões arroxeados em consequencia desse degradante martyrio.

«Nas horas mortas da noute ouvimos repetidamente o estampido de tiros de espingarda vindo do lado do cemiterio, que nos informam, com o maior segredo, serem dados contra cidadãos, que muitas vezes são victimas de simples denuncia de inimigos pessoaes, aos quaes obrigam antes a abrir as covas onde têm de ser enterrados.

«Imaginem, a vista disto, o estado desta pobre cidade, outróra tão alegre, tão pacifica e tão calma.»

Voltemos a casa da esquina da rua *America*.

No dia 20 pela manhã foram alguns dos presos avisados que seriam em breve conduzidos para a Capital Federal, afim de ser processados.

O Barão de Serro Azul pediu e obteve a graça especial de mandar buscar recursos pecuniarios á sua casa.

Torpe cilada essa que tinha por fim o roubo feito mais tarde sobre o seu cadaver.

Por volta das 10 horas da noute apresentou-se alli um official que separando o Barão, José Lourenço Scheleder, José Joaquim Ferreira de Moura, Rodrigo de Mattos Guedes, Balbino Carneiro de Mendonça e Presceliano Correia, declarou-hes que seguissem immediatamente, afim de tomar o trem que os devia conduzir a Paranaguá, sem dar-lhes tempo sequer a que se vestissem, levando-os com as roupas, apenas, com que se haviam levantado das miseraveis tarimbas onde dormiam.

A noute era chuvosa, fria e escura.

Deixemos fallar uma outra testemunha.

«Os presos seguiram a pé para a estação da estada de ferro, no meio de uma escolta commandada por um official.

«José Moura que havia alguns dias se achava doente, ia amparado por não poder caminhar sozinho.

«Ao chegarem a rua de S. Francisco teve elle uma syncope e não pode ir adiante.

«Nesse momento acercou-se um dos officiaes de ronda á cidade e ponderou ao commandante da escolta que o preso estava quasi morto e que era melhor fazel-o voltar.

«Reconduziram-no para a casa da rua *America*, porem algum tempo depois, foi um carro bascal-o; embarcaram-no brutalmente no proprio colchão em que jazia desfallecido e partiu no mesmo trem que os outros.

«O comboio tomou a direcção de Paranaguá pouco antes das 11 horas.

«Para os desventurados presos elle ia para a eternidade.»

Dos depoimentos e informações de varias outras pessoas conceituadas e dignas, cujos nomes, como a de quasi todos os informantes desta narraçõ, calamos por emquanto, para não expol-os á vindicta dos assassinos do Itamaraty, vamos tirar os pormenores dessa cruenta e feroz tragedia, pedida com phrenetica instancia pela gentalha d'*O Paiz* e por ella propria predenominada—*O Drama do Paraná*.

Neste momento supremo, em que a nossa penna vai tentar narrar as scenas afflictivas e pungentes do martyrologio indescriptivel de seis homens completamente innocentes, de seis paes de familia que deixavam na orphandade e na viuvez os filhos queridos e as desoladas esposas, não sabemos se a temos embebida nas lagrimas amargas que nos cahem dos olhos, se no fél da indignação que nos trasborda do peito.

Permittam-nos, portanto, os que nos lêem que repitamos com o poeta dos *Chaliments*:

«Ah! qu'un autre cherche des mots modérés. Oui, je suis net et dur, je suis sans pitié pour cet'impitoyable et je m'en fais gloire.»

Passava de meia noute, quando o comboio suspendeu sua marcha lugubre proximo ao kilometro 65.

Ahi, á esquerda dos trilhos, existe uma esguia esplanada

limitada pela crista de profundo despenhadeiro, cuja encosta coberta de vegetação vai morrer nas barrancas do rio S. João.

Continuava a cair a garôa fria e cortante do Maio paranaense; intenso nevoeiro cobria as quebradas da serra e o silencio sinistro daquellas paragens desertas, só era interrompido pelo murmúrio soturno das aguas a correr apertadas entre as gargantas estreitas das montanhas, pelo chiar estridente do vapor da locomotiva, pelas vozes curtas e incisivas dos algozes, pelos soluços, pelos gemidos e pelas supplicas das victimas que, já então, conheciam toda a extensão da sua terrível desgraça.

Os carrascos do marechal Peixoto tem desses requintes na arte negra e rubra do assassinato.

Não são simples carneiros que, arremangados, atiram o golpe á victima junto a qualquer muro, atraz de qualquer pardieiro, sem preocupações do scenario.

Não.

Elles escolhem o local com meticoloso cuidado, com a fria calma da malvadez que dilacera e rompe as carnes, que tortura e abate o espirito antes de tirar a vida.

A morte simples, o assassinato rapido é para elles uma incorrecção, um erro.

A victima deve abrir a cova onde tem de ser enterrada e tomar, á beira della, posição conveniente como em Curityba, ou assistir ao supplicio prolongado dos companheiros, com as carnes rudemente açoitadas pelas gotas geladas da chuva, no meio do pavoroso silencio da floresta, longe de qualquer auxilio e martyrisada pela indisivel agonia da expectativa da sua vez.

Miseraveis! . . .

Todos esses homens que alli se achavam agglomerados no estreito compartimento de um wagon, eram cidadãos pacíficos, fracos, não habituados aos rudes embates dos trances terríveis da luta das armas. O proprio capitão Mattos Guedes era, como os outros, um paizano de animo fragil e receioso.

Deste podem elles dizer, entretanto, que havia por algum tempo acompanhado nossas forças.

Mas os outros? . . .

Negociantes inoffensivos e dignos funcionarios, nem no terreno politico prestaram-nos serviços durante a nossa occupação

que possam justificar a morte que lhes deram, admittindo que taes crimes possam ter attenuantes.

O Barão do Serro Azul, alem de ser irmão do presidente do Tribunal de Contas do snr. Floriano, que lhe prestára o grande serviço de aceitar essa prebenda quando o marechal se achava em apuradas circumstancias, era adepto decidido da situação florianista.

Ao narrador destes factos, quando commandante do 5º districto em Curityba, dizia elle, então chefe da commissão do commercio, em expansão intima, com a convicção de um partidario amigo do governo que combatiamos:

—Só os auxilio para evitar desordens no meu estado, mas, não se engane, o governo ha de retomar o Paraná—o marechal é um politico habil e dispõe de recursos que os senhores não têm.

Pobre homem! Da habilidade do marechal e da ingenua confiança que nelle depositava deveria ter-se lembrado amarguradamente, quando o abateu a descarga dos ferozes emissarios do seu amigo, do amigo do seu irmão.

Se sua alma adejou ainda por algum tempo sobre aquellas tetricas paragens devia ter visto, em compensação, a *habilidade* com que esses emissarios despojavam seu cadaver, ainda quente, dos dinheiros que tomára no cêgo engano de seguir para a Capital.

Miseraveis!...

Scheleder, abandonado á responsabilidade do seu cargo de delegado do thesouro, pelo governador que fugia, conservou-se nelle integerrimo e digno, durante todo o tempo da nossa occupação.

Ninguem o via nas nossas rodas.

Dirigia e guardava os dinheiros publicos, com a mesma calma, com o mesmo energico criterio e cuidado dos tempos normaes.

Como que previa, o misero, que um dia os documentos da sua imparcial correccção, que elles, os assassinos, lá deviam ter encontrado porque lá os deixamos, seriam a demonstração da verdade com que agora lhes açoitamos as faces.

Ferreira de Moura trazia consigo um salvo-conducto que o faria passar incolume e respeitado pelo meio das hordas dos mais barbaros e ferozes selvagens.

Desde que tomamos Curityba, elle, sua velha esposa e suas duas

candidas filhas eram os anjos de dedicação, de caridade e de doçura do hospital de sangue.

Tratavam com evangelica abnegação dos feridos, quer nossos, quer das tropas do marechal Floriano Peixoto.

Sim—quer nossos, quer das tropas do marechal Floriano Peixoto.

Indaguem delles proprios que o dirão; não acreditamos que tenham a negra ingratição de mentir.

Esses homens que no leito da dor viam curvadas sobre seus ferimentos, muitas vezes repugnantes, a curarem-lhes as carnes rotas, essas senhoras; esses homens que recebiam de suas mãos os remedios e os alimentos; esses homens que recebiam de suas boccas os santos carinhos e as ineffaveis consolações que só podem dar os finos e delicados sentimentos femininos, não o podem negar.

Não cremos que a decomposição moral do regimen de ferro que aniquila o Brasil, tenha cortado tão fundo no character nacional que elles se animem a faltar á verdade.

Pois bem, nem essas sagradas recordações de tão devotados sacrificios livraram da morte o desgraçado velho.

Miseraveis! . . .

Balbino de Mendonça e Presciliano Correia eram: o primeiro um moço absolutamente avesso e alheio á politica e o segundo um cidadão estimado, carregado de familia e que muitos e muitos serviços prestára ao proprio sr. Vicente Machado.

Em nenhum delles o mais apaixonado tribunal de homens teria encontrado pretexto para perseguições.

Elles os mataram porque não são homens—são fêras sanguinarias, são bandidos sem fé e sem entranhas.

Miseraveis! . . .

Parára o trem—começou o supplicio.

As victimas pallidas, offegantes tremiam de frio e de terror.

Alguns, de joelhos, pediam, imploravam—que não os matassem, que os submettessem a um processo onde demonstrassem

sua innocencia, que tinham esposas e filhos que iam ficar na miseria, ao desamparo, que elles eram os vencedores, mas que são brasileiros, que perdoassem, e elles, os algozes, os arrancavam a força do wagon e os arrastavam, um a um, ao patibulo improvisado a beira do abysmo.

Uma descarga despertava os echos dormentes da serra e a scena lugubre recommençava.

O Barão do Serro Azul, ao chegar ao logar do supplicio cahiu de joelhos e orou.

Coitado!... Elle que se levantára da pobreza a custa do seu trabalho honrado e intelligente, elle que pautára toda a sua vida pelas regras da probidade e da justiça, elle que fôra sempre o amparo de tanto infeliz e de tanto desgraçado, no momento cruel em que o ia ferir a mais inexoravel das iniquidades, a mais descommunal ingratição dos homens, só podia recorrer ao balsamo suave da santa religião do Martyr do Golgotha.

E nem essa oração extrema, na qual sua alma pretendia alar-se constricta aos pés de Deus, deixaram-no os algozes concluir.

As balas fratrecidas cortaram-lhe em meio a vida e a prece.

O moço Mendonça, allucinado pelo terror, negou-se a sahir do wagon —arrastaram-no brutalmente.

No momento de descer, agarrou-se com toda a força ás columnetas da plataforma—quebraram-lhe a couce d'armas os punhos e o levaram aos empurrões até a crista da esplanada, donde foi precipitado no abismo pelas balas homicidas.

Dias depois, quando foram enterrar seu cadaver, reconheceram que devera ter conservado a vida, ainda por muitas horas depois do supplicio.

Mattos Guedes, offegante, louco de pavor recebeu uma descarga que o prostou.

Levantou-se em seguida, mal ferido, tropeçando, cambaleando, a escorrer sangue e tentou fugir pelo abismo abaixo.

Nessa tentativa recebeu nova descarga que o findou de vez.

Quem por alli passou no seguinte dia conta que vio ainda seu cadaver, fortemente seguro aos arbustos do começo da rampa, olhando para a estrada com os olhos sem brilho, empanados pela morte, e tendo gravados na phsionomia os traços do mais indescriptivel terror que se possa imaginar.

De certo o desventurado lembrára-se, no momento extremo, da esposa e dos dez queridos filhinhos que deixava na miseria a mais completa.

Paremos aqui. Basta de horrores.

Doe-nos com a dôr profunda e lascinante de todos os soffrimentos humanos a narração desta pagina, a mais negra e infamante que poderiam escrever na historia da Patria, as armas daquelles que juraram defender-lhe a dignidade e proteger o povo.

Mas serão elles os principaes culpados?...

Não.

O carrasco, o algoz, o bandido, o réo da historia é o Attila bar-
baro e sanguinario que esmaga com as patas de ferro do seu
cavallo indomavel, a lei, o direito, a razão e a justiça, e passa
desvairado atraz das hordas de seus crueis soldados, apontando
arrogante e satisfeito o sulco de sangue e as brancas ossadas das
victimas que vai deixando apoz si, sem perceber no firmamento,
acima de sua frente, a imagem da Historia, illuminada pelas cla-
ridades do porvir, que lhe ha de gravar no hombro o ferrete
indelevel — DE ALGOZ DA SUA PATRIA, DE ASSASINO DE SEUS PROPRIOS
IRMAOS.

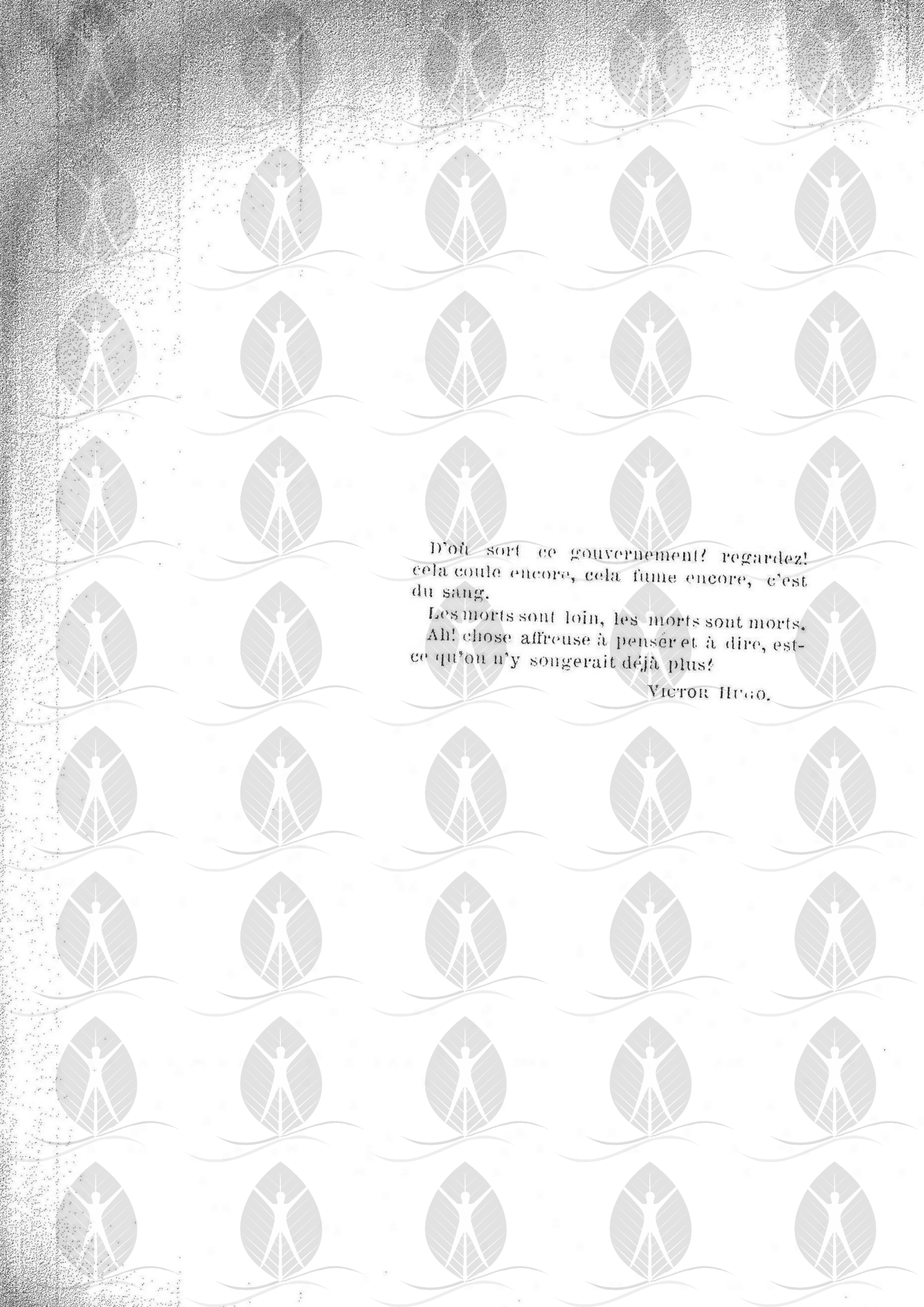
Caminha, caminha, Ashaverus maldito da desgraça e do crime,
que não escaparás á justiça dos homens nem á punição de Deus.

Buenos Ayres, 19 de Setembro de 1894.





OS MORTOS



D'où sort ce gouvernement? regardez!
cela coule encore, cela fume encore, c'est
du sang.

Les morts sont loin, les morts sont morts.
Ah! chose affreuse à penser et à dire, est-
ce qu'on n'y songerait déjà plus?

VICTOR HUGO.



V.

A relação das infelizes victimas da tyrannia do marechal Peixoto no estado do Paraná, que damos em seguida, foi organizada com o maior criterio por um distincto e conceituado cidadão, cujo nome daremos um dia á publicidade.

Ella é, quanto possivel, a detalhada reproducção da verdade, colhida no depoimento de testemunhas insuspeitas.

EM CURITYBA

Barão do Serro Azul (Ildefonso Pereira Correia) abastado capitalista e um dos homens mais importantes do partido situacionista do Paraná, que ao seu prestigio e esforço deve a sua organização depois da proclamação da Republica Brasileira e os elementos de que dispõe no estado.

Nenhuma participação teve na revolução, que sempre, e sem reserva, declarou não acompanhar. Sendo um dos cidadãos mais considerados do partido governista residentes em Curityba. foi procurado pelo commercio dalli e instado para com elle combinar e providenciar sobre as medidas que urgia serem tomadas a bem da manutenção da ordem publica, depois que o governador, Dr Vicente Machado Lima, o commandante do districto, general Pego Junior, e o chefe de policia, capitão Antonio Lago abandonaram aquella Capital, sem terem ao menos avisados os seus amigos, deixando a população della, assim como a de todo o estado, em situação afflictiva e entregue a seus proprios recursos,

pois levaram toda a força, que, as pressas, conseguiram reunir, para escoltal-os na fuga precipitada queprehenderam para o estado de São Paulo, logo que tiveram noticia de ter sido a cidade de Paranaguá occupada pela esquadra revolucionaria e de que o exercito federalista marchava sobre Tijuças e Lapa.

Accedendo ao pedido, em commissão com diversos commerciantes, providenciou sobre o policiamento da cidade até ser ella occupada pelas forças revolucionarias.

Mais tarde, tendo os invasores estabelecido uma contribuição pecuniaria, a titulo de emprestimo, para manutenção de suas tropas, ainda, a instancias da junta commercial de que era presidente e dos seus collegas do commercio, fez parte, com outros commerciantes, de uma commissão encarregada de proceder á equitativa distribuição e arrecadação das quotas com que cada um deveria concorrer para satisfacção da exigencia, a que a população não tinha meios de se furtar.

Alem disto, communicou aos commandantes das forças sitiadas nas Tijuças e na Lapa a fuga do governador e do commandante do districto.

Naturalmente assim procedeu para lhes dar exacto conhecimento da sua situação e talvez no intuito de evitar derramamento de sangue inutilmente.

Tal procedimento, incontestavelmente da maior carrecção e que qualquer espirito recto considerará digno de elogio, foi o que deu logar ao seu fuzilamento, a menos que não se deva acreditar que algum ambicioso sem escrupulos, considerando o prestigio daquelle inditoso paranaense obstaculo a futuros planos politicos, tenha querido aproveitar a oportunidade para removello.

José Lourenço Scheleder, primeiro escripturario da delegacia fiscal do thesouro federal no estado.

Nunca se envolveu em politica e, ao que parece, o seu crime consistio em não ter abandonado a repartição, em que exercia interinamente o logar de chefe, quando o governo abandonou o estado; devendo-se notar que não recebera instrucção alguma, a tal respeito, quer do governo federal, quer do estadual.

Deixou viuva e filhos em completa pobreza.

José Joaquim Ferreira de Moura. Não militava em politica,

nem se envolveu na revolução. Exercia o cargo de thesoureiro da delegacia fiscal e nelle se manteve durante a occupação do estado pelos revolucionarios.

Segundo consta foi este o facto que deu logar ao seu fuzilamento.

Era geralmente estimado e deixou numerosa familia em extrema pobreza.

Foi conduzido para o lugar do supplicio quasi moribundo, tão gravemente enfermo se achava.

Balbino Carneiro de Mendonça. Nunca tomou parte activa em politica, apesar de pertencer, como os de sua illustre familia, ao partido em opposição ao governo do estado.

Era geralmente estimado e considerado por amigos e adversarios politicos e nenhuma parte tomou nos acontecimentos revolucionarios, a não ser que se considere como tal o facto de ter feito parte da commissão do commercio, como o Barão do Serro Azul, do mesmo modo que outros negociantes amigos do actual governo e que não foram julgados criminosos por isso.

Rodrigo de Mattos Guedes. Retirára-se para o estado de Santa Catharina, quando o governo do Dr. Vicente Machado tratava de conseguir a decretação do estado de sitio para o Paraná; e assim procedeu porque era publico e notorio que, logo que essa medida fosse decretada, seria elle preso, assim como outros membros da opposição, apesar de nenhuma relação terem com o movimento revolucionario que se operava fóra do estado.

Em Santa Catharina, reunio-se ás forças do general Piragibe, que abandonou pouco tempo depois, antes de marcharem ellas para o Paraná.

Regressou a Curityba muitos dias depois de ter sido aquella cidade occupada pelos revolucionarios e não tomou mais parte na revolução.

Deixou numerosa familia ao desamparo.

Presciliano da Silva Correia, importante commerciante da cidade de Paranaguá, onde durante a occupação do estado pelos revolucionarios, exerceu o cargo de prefeito da camara municipal. Pertencia a uma das mais distinctas familias da localidade.

Os seis cidadãos mencionados achavam-se presos na Capital em um dos quartéis da guarnição, de onde foram, por ordem do

general Quadros, tirados, á noite, por uma escolta commandada por um official e por ella conduzidos até ao kilometro 65 da via férrea de Paranaguá a Curityba e ahi fuzilados pela mesma, que, em seguida, atirou os cadaveres ao principio que fica á margem da linha férrea, onde ficaram insepultos durante alguns dias e foram vistos por varios viajantes

Francisco Manoel da Silva Braga, negociante e chefe de numerosa familia. Era do partido da opposição ao governo do estado, mas moderadissimo em politica.

Durante o cerco da cidade da Lapa, onde residia e então se achava, sua casa e a de seu venerando pae serviram de abrigo a muitas familias de amigos e adversarios politicos.

Depois da rendição daquella praça, como antes, não se envolveu na revolução.

Esta victima foi, alta noite, conduzida ao cemiterio publico com outros companheiros e ahi fuzilada juntamente com elles, depois de terem assistido a abertura da cova, que devia servir-lhes de sepultura commum.

José Becker filho, que fez parte das forças do general Piragibe e abandonára as armas depois da tomada do Paraná.

Virissimo Marques, agricultor. Era um cidadão inoffensivo, geralmente estimado e nenhuma parte tomou na revolução; tinha, porem, para os amigos do governo, o grande crime de militar nas fileiras da opposição e ser influencia politica no logar onde residia.

EM PARANAGUÁ

Major do exercito José A. Colonia, que fez a campanha do Paraguay e servira ao governo na revolução do Rio Grande do Sul. Achava-se com licença no Paraná, onde tinha a familia; e alli chegéra depois de estar o estado em poder da revolução.

Tenente do exercito Nalasco. Fazia parte da guarnição do Paraná e servira no corpo de policia durante o governo da revolução.

Este inditoso official morreu com admiravel sangue frio, commandando elle proprio a escolta que o fuzilou.

NA VILLA DO RIO NEGRO

Felicio Ribas. Este cidadão, forçado pela perseguição que a elle e a seus amigos moviam os agentes do governo, antes da invasão do Paraná, reuniu-se ás forças do general Piragibe, quando ellas chegaram ao Rio Negro e dellas fez parte até a tomada da cidade da Lapa, retirando-se posteriormente para sua residencia, onde, achando-se gravemente enfermo, foi preso sem oppôr qualquer resistencia. Conduzido para a villa do Rio Negro, foi alli morto, portando-se nessa occasião, com a maior coragem, em contrario ao que informou suão Guanabarino, em correspondencia publicada n' *O Paiz* de 7 de Julho ultimo.

Cypriano Mota, vulgo Nenê. Serviu tambem nas forças do general Piragibe e abandonou as armas depois que o exercito federalista se apoderou do Paraná.

Foi morto com um companheiro nas proximidades da villa do Rio Negro, quando vinha a ella apresentar-se ás autoridades, *por uma descarga instinctiva dos soldados da lei, commindados pelo major Barreiros, que assim fizeram, por acaso, justiça*, segundo refere a correspondencia acima citada.

Manoel Neto da Costa Magalhaes, vulgo Major Amôra, que servira sob as ordens do general Piragibe e deixára o exercito depois que os revolucionarios occuparam o Paraná. Foi preso tambem pelas forças ao mando do major Barreiros, segundo noticiou *O Paiz* de 5 de Julho e naturalmente tambem justificado por alguma descarga *instinctiva*.

Segundo consta foram mais fuzilados, alem de muitos outros, os seguintes cidadãos, sobre os quaes, porem, não possuimos ainda dados seguros.

Francisco Buch, homem pacifico, que nemhuma parte tomou na revolução.

Julio Häller, que fez parte de um corpo de guarda civica creado para policiamento da cidade de Curityba.

Dr. Gastão de Aragão e Mello, major do corpo de saude do exercito, que tinha a seu cargo a enfermaria militar de Curityba,

onde existiam em tratamento muitos doentes, quando aquella cidade foi occupada pelos revolucionarios.

Permaneceu a testa da enfermaria, onde foram sempre tratados os feridos quer do exercito do governo, quer do revolucionario.

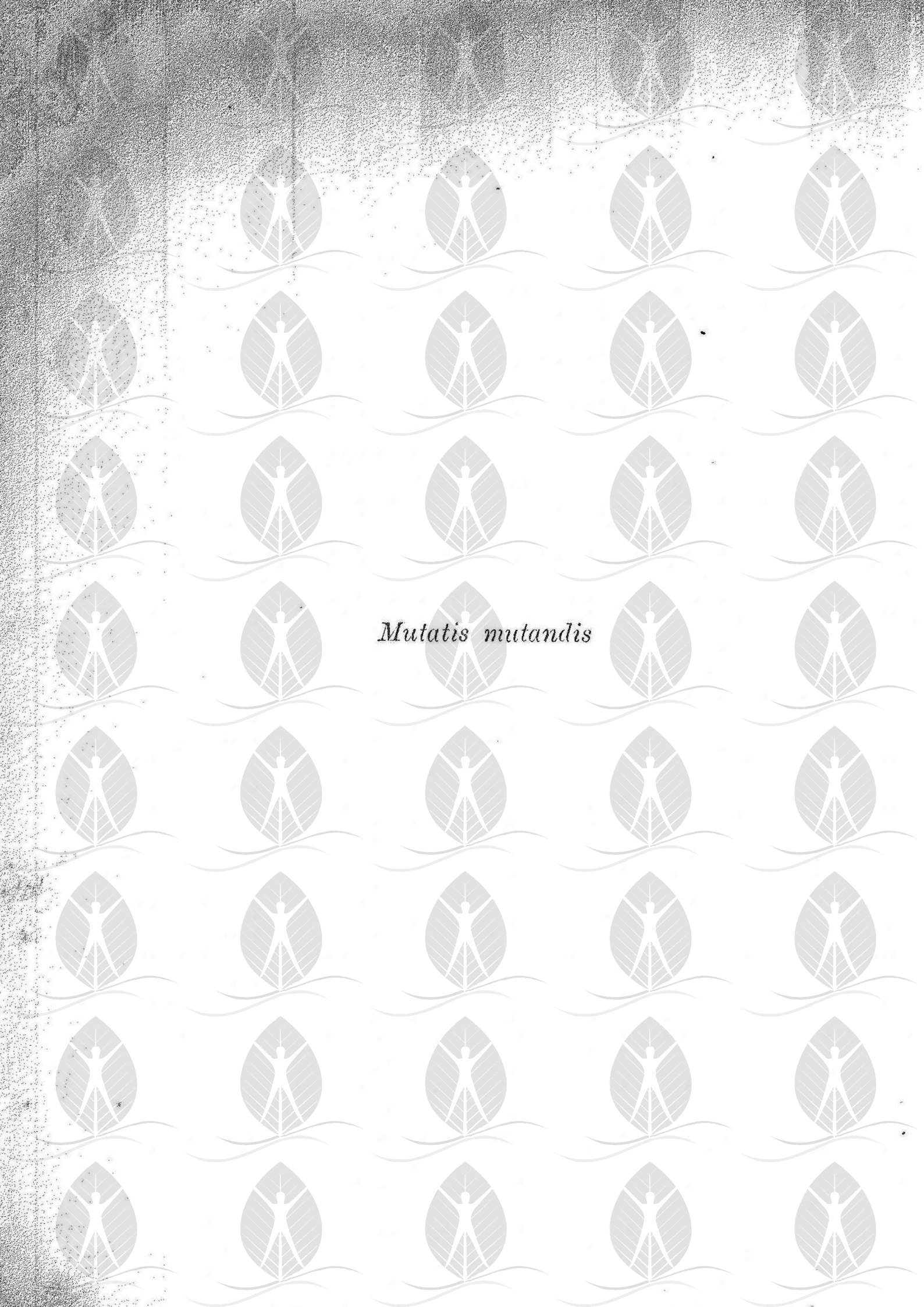
Foi preso em Curityba, mandado para a cidade do Desterro e consta que alli foi fuzilado por ordem do general Quadros.





FÉ

(Versão de Guimarães Passos)



Mutatis mutandis



VICTOR HUGO.

F E

Tenhamos fé!

Não, não nos deixemos abater. Desesperar é desertar.
Olhemos o futuro.

O futuro—ninguém sabe que tempestades nos separam do porto, mas o porto longinquo e radioso percebe-se—o futuro, repitamo-lo, é a Republica para todos, acrescentemos: o futuro é a paz com todos.

Não caiamos no erro vulgar de maldizer e deshonnar o seculo em que vivemos: Erasmo chamou ao seculo XVI «o excremento dos tempos» *sex temporum*; Bossuet qualificou assim o seculo XVII «tempo mau e pequeno»; Rousseau fulminou o seculo XVIII com estes termos «esta grande podridão em que vivemos». A posteridade confundio esses espiritos illustres. Ella disse a Erasmo: o seculo XVI é grande; ella disse a Bossuet; o seculo XVII é grande; ella disse a Rousseau: o seculo XVIII é grande.

Fosse real a baixeza desses seculos e ainda assim esses homens fariam mal em degradal-os. O pensador deve acceitar com simplicidade e calma o meio em que a Providencia o colloca. O esplendor da intelligencia humana, a altura do genio não brilham mais pela harmonia que pelo contraste com os tempos.

O homem stoico e profundo não decresce pela abjecção exterior; Virgilio, Petrarca, Racine são grandes na sua purpura; Job é maior no seu monturo.

Mas nós podemos dizer, nós, homens do seculo desenove, o seculo desenove não é o monturo. Quaesquer que sejam as vergonhas do instante actual; quaesquer que sejam os golpes com

que os vaevens dos acontecimentos nos firam; qualquer que seja a deserção apparente ou a lethargia momentanea dos espiritos, nenhum de nós, democratas, renegará a magnifica epocha em que palpitamos, porque esta é a idade viril da humanidade.

Proclamemol-o bem alto, proclamemol-o na queda e na derrota, este seculo é o maior dos seculos; e sabeis porque? porque é o mais doce. Este seculo, producto immediato na Revolução Francesa e seu primeiro filho, liberta a escravidão da America, levanta o paria na Asia, extingue a suttee na India e apaga os ultimos tições da fogueira; civiliza a Turquia, leva o Evangelho até ao Alcorão; dignifica a mulher, subordina o direito do mais forte ao direito do mais justo; suprime os piratas; diminue as penalidades; sança os calabouços; lança o ferro em braza no esgoto; coadema a pena de morte; retira a bala do pé dos forçados; abole os supplicios; degrada e desacredita a guerra; enfraquece os duques d'Alba e Carlos IX e arranca as garras aos tyrannos.

Este seculo proclama a soberania do cidadão e a inviolabilidade da vida; corôa o povo e consagra o homem.

Na arte elle tem todos os genios: escriptores, oradores, poetas, historiadores, publicistas, philosophos, pintores, estatuarios, musicos; a magestade, a graça, o poder, a força, o brilho, a profundez, a cõr, a forma, o estylo; elle a um só tempo está no ideal e no real e suspende na mão os dois raios — o bello e a verdade. Na sciencia realiza todos os milagres; faz do algodão um explosivo, do vapor um cavallo, da pilha de volta um operario, do fluido electrico um mensageiro, do sol um pintor; esperando que o fogo central o escalde orvalha-se com a agua subterranea; abre sobre os dois infinitos estas duas janellas: o telescopio sobre o infinitamente grande, o microscopio sobre o infinitamente pequeno, e sorprehende no primeiro abysmo os astros e no segundo a bysmo os microbios que lhe provam Deus; suprime a duração do tempo; suprime a distancia; suprime o soffrimento; escreve uma carta de Pariz a Londres e tem a resposta em dez minutos; amputa uma coxa a um homem, o homem sorri e canta.

Não lhe falta mais realizar senão — e está realizando — um progresso que não é nada a par dos outros que já tem feito; não lhe falta mais senão dirigir numa leve massa de ar uma bolha de ar ainda mais leve; elle já tem a bolha, tem-n'a prisioneira; não lhe

falta mais senão achar a força impulsiva, fazer o vasio deante do balão, por exemplo; incendiar o ar deante do aerostato como o faz com fumo: nada lhe falta mais que realizar de um modo qualquer esse problema e elle o resolverá, e sabeis então que acontecerá? Immediatamente as fronteiras desaparecem, as barreiras somem-se, tudo que for muralha da China em torno do pensamento, em torno do commercio, em torno da industria, em torno das nacionalidades, em torno do progresso se desmorona; a despeito das censuras, a despeito dos index chovem livros e jornaes; Voltaire, Diderot, Rousseau cahem em saraivada sobre Roma, sobre Napoles, sobre S. Petersburgo; o Verbo humano é maná e o servo apanha-o nos sulcos do caminho; os fanatismos morrem, a oppressão é impossivel; o homem roja-se em terra, escapa; a civilização faz-se bando de aves e vóa, turbilhona e a um só tempo cahe alegre sobre todos os pontos do globo; vede, ella passa; apontae vossos canhões, velhos despotismos, ella vos desdenha; não sois mais que o projectil, ella é a explosão; não mais odios, não mais guerras; uma sorte de vida nova feita de concórdia e de luz suspende e pacifica o mundo; a fraternidade dos povos atravessa os espaços e communga no eterno azul, os homens confundem-se nos céos.

Esperando esse derradeiro progresso, vêde a que ponto este seculo levou a civilização.

Outrora havia um mundo em que se caminhava a passos lentos, curvado, de cabeça baixa; em que o conde Gouvon fazia-se servir á mesa por Jean Jacques; em que o cavalheiro de Rohan tratava Voltaire a bengaladas; em que Daniel de Föe andava em volta do pelourinho; em que uma cidade como Dijon estava separada de uma cidade como Pariz por causa de um testamento a fazer-se; ladrões em todos os cantos dos bosques e dez dias de jornada em carro; em que um livro era uma especie de infamia e immundicie que o carrasco queimava nos degraus do supremo tribunal; em que a superstição e a ferocidade davam-se as mãos; em que o papa dizia ao imperador: *Jungamus dexteras, gladium gladio copulemus*; em que a cada passo encontravam-se cruces onde se penduravam amuletos e forcas onde se penduravam homens; em que havia herejes, judeus e leprosos; em que as casas tinham setteiras e matadouros; em que se fechavam as ruas com

uma cadeia, os rios com uma cadeia, os campos mesmo, com uma cadeia, como na batalha de Tolosa, as cidades com muralhas, os reinos com proibições e penalidades; em que excepto a autoridade e a força que adheriam estreitamente, tudo era vigiado, repartido, cortado, dividido, postcado, odiado e odiando, esparso e morto; os homens pó, o poder blóco.

Hoje ha um mundo onde tudo é vivo, unido, combinado, consorciado, confundido; um mundo onde dominam o pensamento, o commercio e a industria; onde a politica, cada vez mais se affirmando, tende a se confundir com a sciencia; um mundo onde os ultimos cadafalsos e os ultimos canhões anceiam por cortar suas ultimas cabeças e vomitar suas ultimas balas; um mundo em que o dia cresce a cada minuto; um mundo em que a distancia desaparece; em que Constantinopla está mais perto de Pariz do que Lyon estava ha cem annos; em que America e Europa palpitam com o mesmo coração; um mundo todo circulação, todo amor, do qual a França é o cerebro, os caminhos de ferro as arterias, os fios electricos as fibras. E imaginaes que isto tudo é simples exposição? E não sentis que o velho mundo tinha fatalmente uma alma velha — a tyrannia — e que ao mando novo vae deseer infallivelmente, necessariamente, irresistivelmente uma alma jovem — a liberdade?

Eis a obra que havia feito entre os homens e que continuava esplendidamente o seculo desenove, este seculo de esterilidade, este seculo de decrescimento, este seculo de decadencia, este seculo de rebaixamento, como dizem os pedantes, os rethoricos, os inbecis e toda essa corja immunda de impostores, de tratantes e de tartufos, que baba beatamente fél sobre a gloria, que declara que Pascal é um louco, Voltaire um nescio, Rousseau uma besta, e cujo principal triumpho seria pôr um par de orelhas de burro no genero humano.

Tenhamos fé, affirmemos! A ironia de si mesmo é o começo da baixeza. E' affirmando que nos tornamos bons, é affirmando que nos tornamos grandes. Sim, a libertação das intelligencias e em seguida a libertação dos povos, eis a tarefa sublime que o seculo desenove realiza de collaboração com a França, porque o duplo trabalho providencial do tempo e dos homens, da matura-

ção e da acção confundem-se na obra commum; e a grande epopea tem por foyer a grande nação.

Oh! patria! é a esta hora em que te vejo sangrando, inanimada, com a cabeça pendida, os olhos fechados, a bocca aberta e não fallando mais, a marca do latego nas espaldas, os cravos dos sapatos do carrasco impressos em todo o teu corpo, nua, debreada, espesinhada e semelhante a uma coisa morta, objecto de odio, objecto de riso, ah! é a esta hora, patria, que o coração do proscripto transborda de amor e de respeito por ti!

Eis-te sem movimento. Os homens de despotismo e de oppressão riem e saboreiam a illusão orgulhosa de não te temer mais. Rapidas alegrias. Os povos que estão nas trevas esquecem o passado e não veem senão o presente e te desprezam. Perdoae-lhes; elles não sabem o que fazem. Desprezar-te! Grande Deus, desprezar a França. E quem são elles? Que lingua fallam? Que livros têm nas mãos? Que nomes sabem de cór? Que cartaz lêm nas paredes de seus theatros? Que formas têm suas artes, suas leis, seus costumes, seus vestidos, seus prazeres, suas modas? Qual é a grande data para elles e para nós? **89.** Se elles affastam a França de suas almas que lhes resta? Oh! povo, estivesse ella cahida e cahida para sempre, será que se despreza a Grecia? será que se despreza a Italia? será que se despreza a França? Olhai estes peitos: é vossa ama de leite; olhai este ventre: é vossa mãe.

Se ella dorme, se ella está em lethargo, silencio e chapéo na mão; se ella está morta, de joelhos!

Os exilados estão esparsos; o destino tem rajadas que disper-sam os homens como um punhado de cinza. Uns estão na Belgica, em Piemonte, na Suissa, onde não têm liberdade; outros estão em Londres, onde não têm tecto. Este aldeão foi arrancado á sua tapada natal; este soldado não tem mais que o copo da sua espada que lhe quebraram na mão; este operario nú e descalço ignora a lingua do paiz e não sabe se amanhã comerá; este deixou uma mulher e filhinhos, grupo querido, escopo do seu trabalho, alegria da sua vida; este tem uma veilha mãe de cabellos brancos, que o chora todos os dias; aquelle tem um pae velho, que morrerá sem o rever; este outro amava e deixou algum ser adorado que o esquecerá, talvez; elles erguem a cabeça, apertam-se as mãos, sorriem; não ha povo que não se perfile á sua

passagem com respeito e que não os contemple com um enternecimento profundo, como um dos mais bellos espectáculos que a sorte possa dar aos homens: todas essas consciências serenas, todos esses corações partidos.

Elles soffrem e calam; nelles o cidadão immolon o homem; olham fixamente a adversidade, não gritam, mesmo, sob a vergasta impiedosa da desgraça: *Civis romanus sum!*

Mas á tarde, quando se pensa — quando tudo na cidade estrangeira se reveste de tristeza, porque o que parece frio de dia torna-se funebre a hora do crepusculo; — mas á noite, quando não se dorme, as almas as mais stoicas abrem-se ao luto e ao acabrunhamento. Onde estão os filhinhos? quem lhes dará pão, quem lhes dará o beijo de seu pae? Onde está a mulher? onde está a mãe? onde está o irmão? onde estão todos? E as canções que se ouviam ao cahir da tarde na lingua natal, onde estão ellas? Onde está o bosque, a arvore, o tecto cheio de ninhos, a igreja rodeada de tumulos; onde está a rua, onde está o bairro, o lampeão que havia deante da porta, os amigos, o atellier, o officio, o trabalho costumeiro? E os moveis vendidos ao correr do martelo, o pregão invadindo o sanctuario domestico! Oh! que adeuses eternos! Destruído, morto, lançando aos quatro ventos, este ser moral que se chama o foyer da familia e que não se compõe somente dos colloquios, das ternuras e dos beijos, que se compõe tambem das horas, dos habitos, das visitas dos amigos, do riso daquelle, do aperto de mão daquelle outro, da vista que se gosa de tal janella, do logar onde estava tal movel, da poltrona em que o avô se sentava, do tapete em que os primeiros filhinhos brincaram! Desapparecidos, estes objectos aos quaes se havia impresso a nossa vida! desvanecida a forma visivel das lembranças! Ha na dór lados intimos e obscuros, onde as mais firmes coragens succumbem.

O orador de Roma estendeu a cabeça sem empalidecer ao cutello do centurião Lenas, mas chorou pensando em sua casa demolida por Clodius.

Os proscriptos calam-se; se se lastimam é apenas entre elles. Como se conhecem, como são duplamente irmãos, tendo a mesma patria e a mesma proscricção, trocam-se as miserias. Aquelle que tem dinheiro reparte com o que não tem; aquelle que tem stoicismo dá ao outro que vae succumbir. Trocam-se lembranças

aspirações, esperanças. Voltam-se com os braços estendidos na sombra para o que se deixou atraz. Oh! que elles sejam felizes lá, aquelles que não pensam mais em nós! Cada um sofre e por momentos se irrita. Em todas as memorias ficam gravados os nomes de todos os carrascos. Cada um tem alguma coisa que maldiz, Mazas, o pontão, a casamata, o denunciante que o trahio, o espião que o atalayou, o gendarme que o prendeu; Lambessa onde ficou um amigo verdadeiro, Cayenne onde está um irmão; mas ha uma coisa que todos bendizem, todos, es tu, França!

Oh! nem uma queixa, nem uma palavra contra ti: França! não, não, nunca a patria existio mais no nosso coração do que quando se está privado della pelo exilio. Elles cumprirão o seu dever com uma fronte tranquilla e uma perseverança inquebrantavel. Não te vêr—eis a sua tristeza, não te esquecer—eis a sua alegria.

Oh! que luto! e depois de oito mezes dá gosto dizer o que isto é; dá gosto olhar em torno de si e ver a flecha de Saint-Michel em lugar do Panthéon, e ver Sainte Gudule em lugar de Notre-Dame... ninguem acredita!

E isto é verdade, ninguem o pode negar, é preciso convir, é preciso reconhecer, ainda que se expire de humilhação e de desespero, o que é grande, o que existe é o seculo desenove, é a França.

Que! foi este Bonaparte quem fez esta ruina! Que! foi no centro do maior povo da terra! Que! foi no meio do maior seculo da historia que este personagem levantou-se de pé e triumphou! Fazer-se da França uma presa, grande Deus! o que o leão não ousou, o macaco fez! o que a aguia temeu prender nas garras, o papagaio fechou na pata! Que! Luiz XI naufragou! Que! Richelieu desesperou! Que! Napoleão não foi sufficiente e da noite para o dia o absurdo foi possivel. Tudo que era axioma tornou-se chimera! Tudo que era mentira tornou-se facto vivo. Que! o mais brilhante concurso de homens! Que! o mais grandioso movimento de ideas! Que! o mais formidavel encadeiamento de acontecimentos! Que! o que nenhum Titan conseguiria, o que nenhum Hercules moveria, o rio humano em marcha, a vaga francesa avançando, a civilisação, o progresso, a intelligencia, a revolução, a liberdade, tudo, elle deteve num bello dia, para-

mente e simplesmente, muito ingenuamente, este mascarado, este anão, este Tiberio aleijão, este coisa nenhuma!

Deus caminhava e ia na frente. Luiz Bonaparte, farricoco, atravessou-se no caminho e disse a Deus: Tu não irás mais.

Deus deteve-se.

E imaginaes que isto é verdade! e imaginaes que esse plebiscito existe, que esta constituição de não sei que dia de Janeiro existe, que esse senado existe, que esse Conselho de Estado e esse corpo legislativo existem! Imaginaes que ha um lacaio que se chama Ruher, um creado que se chama Troplong, um eunuco que se chama Baroche, e um sultão, um pachá, um senhor que se chama Luiz Bonaparte! Não vedes que tudo isto é o que se chama chimera! não vedes que o dois de dezembro não é senão uma immensa illusão, uma pausa, um tempo de espera, uma especie de tela de ensaio, atraz da qual Deus, esse machinista maravilhoso, prepara e constroe o ultimo acto, o acto supremo e triumphal da Revolução francesa! Olhaes estupidamente a tela, as coisas pintadas nessa lona grosseira, o nariz deste, as dragonas daquelle, o sabre enorme deste outro, os vendedores de agua de Colonia agaloados, que vós chamaes generaes, esses *poussabs* que vós chamaes magistrados, esses pobres homens que vós chamaes senadores, essa mescla de caricaturas e de espectros e tomaes isto pela realidade! E não ouvis, longe, na sombra esse barulho surdo! não percebeis alguem que vac e vem, e não vedes tremer esse panno ao sopro do que ha por traz!





NOTA

A este folheto succederá outro denominado
A revolução de Setembro—que será dedicado—
As Exc.^{mas} Senhoras Orieritae—como uma ho-
menagem ao afago e carinho que generosa-
mente dispensaram aos revolucionarios brasi-
leiros que se asilaram em sua Patria.



ERRATUM

As condições de tempo, lugar e recursos em que foi feita a impressão deste folheto, originaram a copia de erros nelle contida e que deixamos á intelligencia e bondade do leitor corrigir.

Uma omissão ha, entretanto, que convem assignalar. Á pagina 15, quinta linha onde se lê—para a velha França, para o Uruguay—deve ler-se—para a velha França, para a Argentina, para o Uruguay etc.



INDICE

As Exc.^{mas} Senhoras Argentinas..... 5

Deshonra da Patria..... 7

I..... 9

II..... 19

O Drama do Paraná..... 35

III..... 37

IV..... 63

Os Mortos..... 71

Fé..... 79

Nota..... 89

Erratum..... 91



URANO

